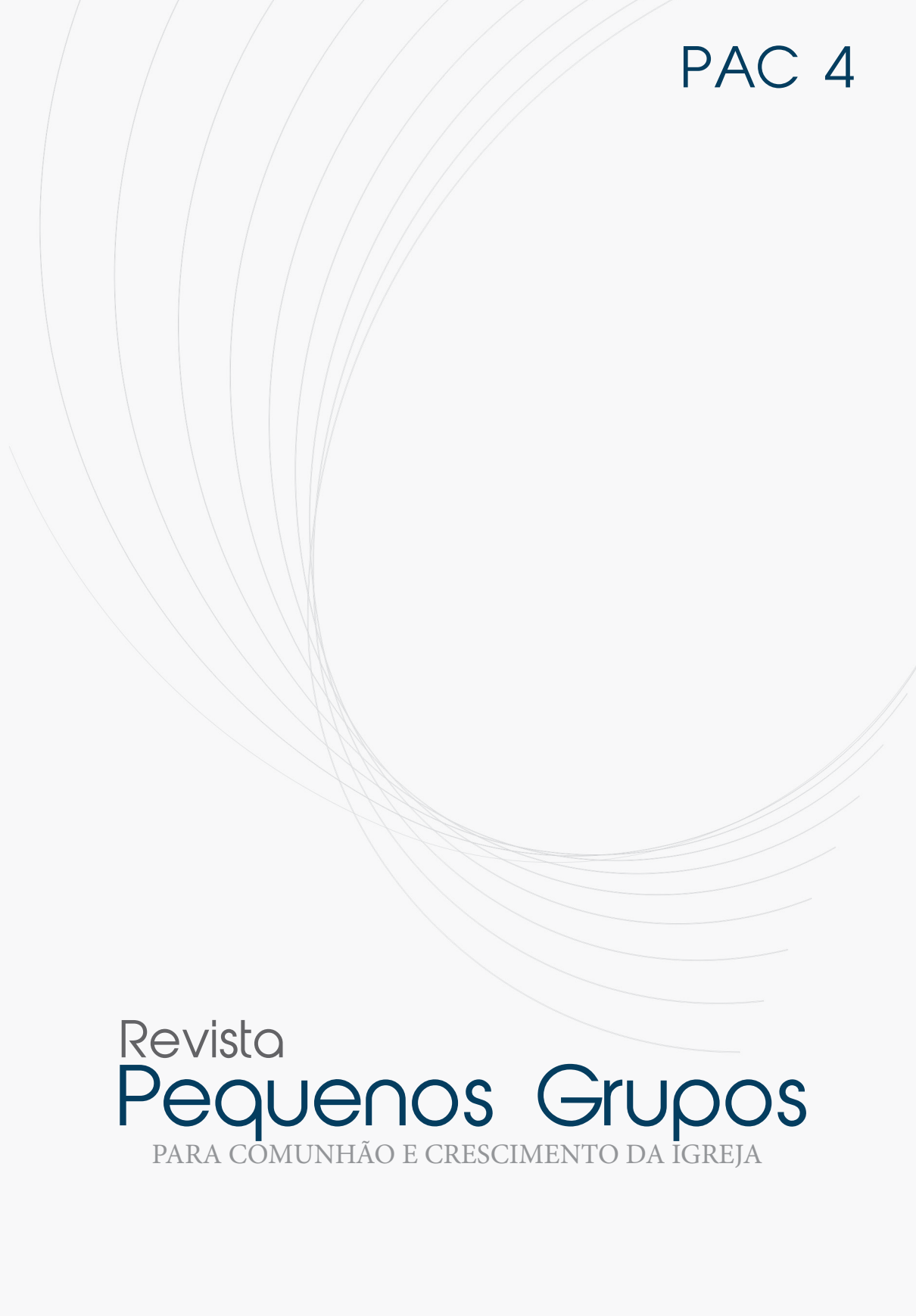


PAC 4



Revista Grupos Pequenos

PARA COMUNHÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA



PAC 4

Revista
Pequenos Grupos
PARA COMUNHÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA

DGCEC - Diretoria Geral de Cultura e Educação Cristã

Diretor:

Pr. Aloísio T. R. da Silva

Secretário de Educação Teológica e Comunicação:

Pr. Samuel Alves Martins

Secretário de Finanças:

Pr. Jair Barbosa Batista

Secretário de Publicações:

Pr. Levi Camargo de Melo

Secretária de Cultura:

Mis. Maria das Graças R. R. da
Silva

Revisão Geral:

Pr. Aloísio T. R. da Silva

Capa:

Pb. Mike Jonathan Fonseca

Diagramação:

Pb. Mike Jonathan Fonseca

Escritor

Pr. Valdivan Conceição
Nascimento



Prefácio: Pr. Josimar Oliveira Da Silva.....	7
Introdução	9
Capítulo 1: Observações Necessárias Em Relação Aos Pequenos Grupos.....	11
Capítulo 2: Os Pequenos Grupos Na História Da Igreja.....	15
Capítulo 3: O Que É Um Pequeno Grupo.....	21
Capítulo 4: A Importância Dos Pequenos Grupos Para A Saúde Da Igreja	25
Capítulo 5: Marcas De Uma Igreja Com Pequenos Grupos.....	29
Capítulo 6: Pessoas Chaves Para O Sucesso Do Pequeno Grupo.....	31
Capítulo 7: Roteiro Básico De Uma Reunião De Pequeno Grupo.....	37
Capítulo 8: Atitudes Dos Bons Líderes De Pequeno Grupo.....	43
Capítulo 9: Porque Você Deve Fazer Parte De Um Pequeno Grupo.....	49
Capítulo 10: Como Implantar Pequenos Grupos Para Comunhão E Crescimento Da Igreja.....	53
Considerações Finais	57
Bibliografia	59



Alguns estudiosos têm chamado a atual sociedade de “sociedade líquida”, pelos valores distorcidos por ela adotados. Isso forma uma verdadeira avalanche de calamidades, ética, moral e social, onde os princípios são contrários a vontade de Deus. Dentro desse ambiente, a igreja também vive dias turbulentos, pois a mesma sente-se encurralada por tais insinuações e imposições estabelecida por um sistema diabólico, que tenta de todas as formas conquistar sua simpatia ou atenção.

O grande desafio da igreja de Jesus Cristo é permanecer na solidez, mesmo num ambiente líquido, onde todos os valores tomam formas diversas conforme a necessidade do cliente. Observando tal situação, o pastor Valdivan C. Nascimento, elaborou o PEQUENOS GRUPOS PARA COMUNHÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA, um manual de pequenos grupos, como ferramenta de orientação para líderes de pequenos grupos, ou células, como se queira adotar. O propósito desse trabalho é gerar cristãos sólidos, firmes nos princípios estabelecidos por Deus em sua Palavra, para que os mesmos de forma saudável possam produzir frutos em seus ministérios contribuindo assim para o avanço do Reino de Deus entre os homens.

Nesse Manual, o que o autor apresenta, é a observância da vida e vivência da igreja do primeiro século, principalmente nos primeiros dias conforme Atos dos Apóstolos. O não ser igreja unicamente no templo, mas nas casas, trazia assim um reflexo de muita saúde espiritual para aquela comunidade de cristãos primitivos que viviam dentro de um contexto de paganismo e opressão.

O trabalho com pequenos não é uma aventura nem muito menos uma invenção, mas uma estrutura bíblica, utilizada pela igreja em toda sua historia. Isso não significa que seja fácil, pois o mesmo demanda tempo e dedicação para que a igreja perceba a importância de tal.

É possível começar e continuar o que se começou, pois nosso maior propósito não é fazer o que todos estão fazendo, mas fazer aquilo que é bíblico, para glória de Deus.

Pr. Josimar Oliveira
Superintendente Regional- Nordeste
Pastor Titular da IEAB em Campina Grande-PB



Programa Avivalista de Crescimento

Essa revista surgiu a partir da necessidade de termos um material específico a respeito dos pequenos grupos para treinamento da liderança e que tivesse a nossa identidade e representasse a nossa visão. Ele é fruto da iniciativa do Pr. Josimar Oliveira da Silva, Superintendente da Região Nordeste e demais membros do Conselho Regional, que entendendo o fundamento bíblico da ação da igreja nos lares e seus resultados, tem investido na conscientização a esse respeito.

Compreendemos que o trabalho com pequenos grupos é uma estratégia para fortalecer a comunhão e promover a multiplicar e crescimento da Igreja. E por ser uma metodologia bíblica pode ser aplicada com êxito em qualquer lugar, na capital ou no interior, na zona urbana ou na zona rural, levando-se em conta, porém as especificidades de cada lugar.

Não oferecemos aqui, portanto, uma metodologia pronta, como um pacote fechado, onde não caiba acréscimos ou contextualizações. Ao contrário, sem pensar em esgotar o assunto, o objetivo é oferecer parâmetros mínimos que possam ajudar a Igreja a desenvolver de forma prática os princípios bíblicos da igreja nas casas.

Apresentamos nos capítulos a seguir a fundamentação bíblica dos pequenos grupos e uma reflexão sobre a importância deste trabalho para a saúde da igreja. Mostramos o formato básico das reuniões, o seu conteúdo e a importância da formação de líderes. Fornecemos por fim, de forma breve e simples alguns passos para a implantação dos PG's na vida da igreja.

Nossa expectativa é que essa revista seja um instrumento de motivação para pastores, líderes e membresia em geral, com a finalidade de que se envolvam profundamente na estratégia bíblica dos pequenos grupos para comunhão e crescimento da igreja.

CONSELHO REGIONAL NORDESTE (2016-2020)

Pr. Josimar Oliveira da Silva – Superintendente

Pr. Emanuel Messias de Freitas Queiroz – Secretário de Evangelismo e Missões

Pr. Reginaldo Araujo de Queiroz – Secretário de Finanças e Atas e Estatísticas

Pr. Ricardo José Bezerra Costa – Secretário de Jovens

Pr. Valdivan Conceição Nascimento – Secretário de Educação

CAPÍTULO 1 - OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS EM RELAÇÃO AOS PEQUENOS GRUPOS

A fim de que haja clara compreensão dos nossos objetivos com o conteúdo deste livro, apresentamos aqui breves observações que julgamos ser importantes e necessárias. Elas servirão como uma espécie de resumo daquilo que está colocado em todo livro. É o resumo do que pensamos a respeito dos PG's.

Infelizmente, o trabalho com PG's ainda é fonte de dúvidas e desconfiança. Acredito que isso se deve, em grande medida, às más experiências que alguns tiveram com a implantação equivocada e descontextualizada dessa estratégia. Outros apenas visualizaram de longe exageros teológicos na utilização dessa metodologia e se fecharam para os PG's, desprezando as referências neo-testamentárias deste trabalho.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SÃO NECESSÁRIAS, A SABER:

1. Os pequenos grupos não são novidade na história da Igreja. Como apresentaremos no capítulo 2, a igreja nos lares é realidade desde o ministério de Jesus, passando pela igreja primitiva, no período pós-apostólico, na Reforma Protestante e após a reforma chegando à igreja contemporânea.

2. O trabalho com pequenos grupos não pertence exclusivamente a uma igreja, líder ou movimento. Apesar de alguns líderes evangélicos no Brasil e no exterior se arvorarem como donos ou representantes da “visão celular”, como se detivessem a posse do princípio bíblico da igreja nas casas, a verdade é que ninguém é dono de nada. Os pequenos grupos não são uma metodologia humana engendrada por alguém. Não significa também mais um movimento de crescimento de igreja, como tantos que surgem. É, sim, um princípio bíblico para a vida da igreja, podendo ser adotado por todas as comunidades de fé em Jesus Cristo. A utilização dos PG's não significa adoção dos princípios de líderes que pretensamente pensam liderar uma visão mundial nesse sentido.

3. Apesar dos exageros e distorções de alguns, podemos ter um modelo equilibrado, coerente e bíblico. Infelizmente, no Brasil, muitas aberrações tem sido produzidas em nome de uma trabalho celular de igreja nas casas. Esquisitices teológicas, práticas estranhas e alvos irrealistas é o que temos visto em alguns contextos que implantaram o trabalho celular. Ao invés de produzir comunhão e crescimento, qualidade e quantidade na igreja, o que alguns conseguiram foi muita divisão e traumas sem fim. Apesar dos pesares, a despeito das más experiências de alguns,

podemos ter uma história diferente. Sem abrir mão da sã doutrinas e com fundamentação bíblica e apego seguro á sã doutrina, podemos ter PG's que contribuam para o progresso espiritual da igreja em todos os sentidos.

4. O nome que se dá a este trabalho não é a questão mais importante. Constatamos que infelizmente, muitos se detém na questão do nome a ser adotado, como se isso fosse a questão central ou fundamental. Alguns líderes tem utilizado o nome CÉLULA, para designar o trabalho da igreja nas casas. A razão da utilização dessa nomenclatura, reside no fato de que a célula é a menor estrutura do corpo humano e que abriga o DNA, a carga genética que nos constitui. Sendo a Igreja o Corpo de Cristo, o uso do termo célula para representar a igreja nas casas tem algum sentido, pois enquanto o corpo humano é composto pela união de todas as células, a Igreja, Corpo de Cristo seria a união de todas as células (PG's). No entanto esse não é um termo bíblico e imperativo para uso de todos. Muitos tem usado os termos: Pequenos grupos, grupos pequenos, grupos familiares, grupos de comunhão, grupos de crescimento, grupos de apoio, igreja nos lares, igreja nas casas, etc. O mais importante é o trabalho realizado, o respeito ao princípio bíblico e os objetivos pretendidos. O nome é secundário.

5. Não existe nenhum número especial, espiritual ou místico em relação aos pequenos grupos. Jesus teve o seu PG em número de 12 discípulos. Poderia ter escolhido mais ou menos, mas escolheu aqueles para treinar diretamente. Porém isso não representa nenhuma obrigatoriedade para formarmos grupos de 12 ou multiplicarmos os grupos quando se chegar a esse número. Tendemos a espiritualizar demais as coisas e caímos muitas vezes num misticismo absolutamente vazio de sentido. Não há número certo para que um PG comece e também não há um número definido para que o grupo seja multiplicado se transforme em 2. Deve-se seguir o bom senso e reunir um número adequado de pessoas ao tamanho médio das casas dos irmãos.

6. O investimento em Pequenos grupos não significa desprezo ao templo e às atividades nele desenvolvidas. Como será visto no próximo capítulo, a Igreja Primitiva mesclava a reunião no templo com as reuniões nas casas. A proposta de PG's que apresentamos aqui não significa o desprezo nem o fechamento do templo. "Não deixemos de congregar" diz o escritor aos hebreus (Hb.10:25). Entendemos que o templo é um lugar de celebração, oração, ensino, fortalecimento e comunhão. O trabalho nas casas é uma oportunidade para Igreja desenvolver relacionamentos, se aproximar das famílias, pregar o evangelho no ambiente das pessoas e aprofundar o ensino bíblico. Enquanto no templo celebramos num ambiente bem organizado e formal, nas casas podemos adorar a Deus num ambiente informal e sem preconceitos.

CAPÍTULO 1 - OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS EM RELAÇÃO AOS PEQUENOS GRUPOS

7. Os PG's são instrumentos para fortalecimento da comunhão da Igreja, como também contribui para o seu crescimento. Os PG's não focam apenas a comunhão, nem tampouco priorizam apenas a evangelização. O objetivo é duplo. Edificação e Evangelização. Fortalecer a unidade dos dentro e alcançar os de fora. Apoiar os de dentro e evangelizar os de fora. Suprir as necessidades espirituais e materiais dos de dentro e ministrar oralmente e também de forma prática os de fora.

8. O investimento em PG's não significa crescimento fácil, explosivo e imediato. A ansiedade pelo crescimento é uma das marcas do imediatismo que envolve a liderança das igrejas. Advertimos porém, pela experiência própria e pela observação de experiências alheias que a igrejas que implantam PG's em sua vida diária não experimentam um crescimento vertiginosos e explosivo. A verdade é que o crescimento, seja ele em qualquer área ou natureza, segue algumas etapas das quais não dá para fugir. É preciso cultivar, cuidar, crescer, para finalmente colher os frutos. Nós plantamos e regamos, mas para colher, só Deus pode dar o crescimento (I Co. 3:6). Torna-se então necessário ter paciência e perseverança para lançar sementes no solo fértil do Reino de Deus. Algumas igrejas passarão por um certo período de transição até que compreendam o propósito dos PG's. Isso demandará muito ensino bíblico e treinamento da liderança. E isso leva tempo. O prazer do dever cumprido e de estar fazendo a coisa certa deve ser a nossa maior motivação. Os resultados que vão se mostrando na vida da igreja com PG's dão o ânimo necessário para se seguir em frente.

9. O investimento neste trabalho não significa mudança na estrutura administrativa e ministerial da Igreja. Essa é outra fonte de dúvidas e preconceitos em relação aos PG's, no entanto, podemos declarar com toda convicção que ao adotar o trabalho com PG's uma igreja ou congregação não está, necessariamente, abrindo mão da sua estrutura ministerial ou administrativa. Falando especificamente da IEAB, os PG's inclusive fortalecem as lideranças, assessorias e ministérios que já existem em nossa estrutura, tão bem definida em nossa constituição.

10. Os PG's e o estabelecimento de líderes que os direcionem não significa diminuição da importância do ministério pastoral. Numa igreja com PG's o pastor continua sendo o líder espiritual, o conselheiro, o coordenador dos ministérios, o responsável maior pelo cuidado das ovelhas na igreja local e o presidente do conselho. Os líderes de PG's são cooperadores do ministério pastoral, trabalhando como extensão do braço do pastor e a ele sempre submissos. Os líderes

são nomeados pelo pastor e por ele supervisionados ou por quem ele indicar. Os PG's contribuem para o fortalecimento do ministério pastoral, uma vez que, ajuda o pastor a cuidar melhor do rebanho, atendendo a necessidades individuais das ovelhas.

CAPÍTULO 2 - OS PEQUENOS GRUPOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

Os pequenos grupos não representam uma invenção moderna da igreja contemporânea, pois eles estiveram sempre presentes em toda a história da Igreja com diferentes formatos e nomes. Ao começar a estudar a respeito dos princípios da igreja nos lares alguns imaginam estar inventando a roda, porém os princípios para a utilização dos pequenos grupos estão presentes desde o Antigo Testamento.

Em Êxodo 18, Jetro aconselha a Moisés a reconfigurar seu modo de lidar com o povo de Israel no deserto, estabelecendo líderes no meio do povo, pessoas que o ajudariam a carregar aquela pesada carga. Até então somente Moisés ficava encarregado de guiar o povo e julgar suas causas, o que Jetro considerou contraproducente, pois Moisés não aguentaria continuar concentrando apenas consigo a responsabilidade do cuidado de centenas de milhares de pessoas.

“E tu dentre todo o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; e põe-os sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez; Para que julguem este povo em todo o tempo; e seja que todo o negócio grave tragam a ti, mas todo o negócio pequeno eles o julguem; assim a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás então subsistir; assim também todo este povo em paz irá ao seu lugar. E Moisés deu ouvidos à voz de seu sogro, e fez tudo quanto tinha dito; E escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo; maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta e maiores de dez. E eles julgaram o povo em todo o tempo; o negócio árduo trouxeram a Moisés, e todo o negócio pequeno julgaram eles.” Êxodo 18:21-26

1. NO MINISTÉRIO DE JESUS:

Apesar de estar sempre rodeado por multidões, Jesus em seu ministério terreno deu atenção especial ao seu pequeno grupo de 12 discípulos, que o seguia por onde quer que fosse. Jesus anunciava o Reino de Deus a todas as pessoas, mas era a esse grupo que ele dava as explicações das parábolas do Reino (Mt.13:36). Enquanto as multidões ouviam a sua pregação e viam seus sinais, os apóstolos, naquele pequeno grupo, desfrutavam do seu ensino mais amplo e da sua comunhão mais profunda. E mesmo dentro daquele grupo, Jesus tinha ainda um grupo menor de três discípulos, formado por Pedro, Tiago e João que faziam parte de um relacionamento ainda mais profundo.

O Ministério terreno de Jesus durou três anos e Ele investiu neste tempo, especialmente, no discipulado individual de cada um daqueles homens que da-

riam continuidade à sua obra. É interessante perceber o poder do impacto do investimento num pequeno grupo onde se aprende os princípios do Reino de Deus. Jesus não formou vários grupos, apesar de haver outras tantas pessoas, homens e mulheres, que criam Nele. Ele focou no discipulado através da convivência diária. Aquele pequeno grupo de discípulos, tão diferentes entre si, foi responsável pela expansão da Igreja a partir de Jerusalém.

Nos Evangelhos fica também evidente a importância que Jesus dava às casas como um local para comunhão, ensino e curas. Apesar de ensinar ao ar livre, nas sinagogas e também no templo, observa-se que quase tudo o que Jesus fez em seu ministério foi nos lares.

- a) Comeu e teve comunhão em residências (Mt.9:10-13; Mc.14:3-9; Lc.5:29-30).
- b) Pregava e ensinava nas casas (Lc.5:17-18; 7:36-43; 10:38-41; 14:1-24).
- c) Curou enfermos e expulsou demônios nas casas (Mt.8:14-15; Mc.1:29-34; Mc. 7:24-30).
- d) Enviou seus discípulos aos lares (Mt. 10:11-13; Lc.9:4; 10:5-7).
- e) Ressuscitou mortos em seus lares (Mt.9:23-25; Mc.5:37-42; Lc.8:51-55).
- f) Perdoou pecados em casas (Mc.2:1-5; Lc.7:36-48).
- g) Na casa de certo homem celebrou a última ceia (Mt.26:18)

Jesus deu prioridade às casas, quer de judeus, quer de gentios. Isso revela para nós o caráter totalmente revolucionário do ministério de Jesus também neste aspecto. Os judeus não entravam na casa de um gentio de forma nenhuma, qualquer que fosse a necessidade. Estar na casa de alguém era um gesto de intimidade e profunda comunhão. Quando Pedro, o apóstolo, impelido pelo Espírito Santo foi à casa de Cornélio, um centurião romano piedoso e temente a Deus, porém gentio, teve que dar explicações aos irmãos da Igreja em Jerusalém, pois eles não admitiam àquela transgressão à lei e aos costumes judaicos (At. 11:1-5). Podemos então imaginar como a atitude de Jesus de estar na casa de gentios, ou seja, de não judeus, afrontavam os religiosos hipócritas de sua época. Quando o centurião romano lhe rogou pelo seu servo que estava doente, ele prontamente se dispôs a ir em sua casa (Lc.7:1-10). Quando Jairo, o chefe da sinagoga lhe rogou por sua filha que estava à beira da morte, Ele o acompanhou até a sua casa (Lc.8:40-41). Quando Zaqueu do alto de uma árvore tem um encontro com o Messias, para sua surpresa, ouve dele: "... hoje me convém pousar em tua casa (Lc.19:1-10). Contrariando a cultura e o preconceito judaicos, Jesus tinha prazer de estar nos lares, de quem quer que fosse, gentio ou judeu, para anunciar o Reino e operar milagres. Quando Ele disse que onde estivessem dois ou três reunidos em seu nome, Ele estaria presente (Mt.18:20), estava mostrando aos seus discípulos que não pri-

CAPÍTULO 2 - OS PEQUENOS GRUPOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

vilegiava ou abençoava apenas as grandes concentrações, mas manifestava a sua presença e seu poder também nos pequenos grupos.

2. NA IGREJA PRIMITIVA

Temos três expressões para a Igreja no Novo Testamento.

- A Igreja, Corpo de Cristo: reunião universal de todos os crentes. Quando Jesus declarou: “eu edificarei a minha Igreja” (Mt. 16:18), Ele estava falando de todos os seus discípulos fiéis, crentes de todas as gerações, tribos, povos, línguas e nações. A sua Ecclesia, assembleia de santos, chamados para fora.

- A Igreja na cidade: reunião dos crentes de determinada localidade: Quando Paulo, o apóstolo, escreve algumas de suas cartas ele envia para a Igreja reunida em certa cidade. É o que chamamos de igreja local: Jerusalém, Antioquia, Tiatira, Filipos, Corinto, etc.

“Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à Igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia: Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.” II Co.1:1-2

- A Igreja nas casas: reunião dos crentes em casas para culto a Deus, perseverança na doutrina dos apóstolos, comunhão, oração e partir do pão. A Igreja Primitiva reunia-se de forma unânime no templo judaico de Jerusalém, na verdade no pátio do templo, mas também reunia-se de casa em casa. A Igreja tinha, portanto, duas reuniões: no templo e nas casas. A Igreja Primitiva multiplicou a sua membresia 25 vezes num só dia, de 120 pessoas para mais 3000 pessoas. Isso se deu no dia de Pentecostes. A pergunta é: onde os apóstolos congregavam todas aquelas pessoas? Não havia nenhuma edifício naquele tempo que pudesse comportar toda aquela multidão. Nem ainda o templo judaico, seria capaz de abrigar todo aquele povo, ainda que isso fosse permitido. A explicação que encontramos está na utilização das casas dos próprios irmãos para reunir grupos de crentes em Jesus para ensino da Palavra de Deus, oração e comunhão.

Seguindo o modelo do ministério nos lares praticado por Jesus, a Igreja liderada pelos Apóstolos tinham o templo como local de oração e evangelização (At.2:46; 3:1) e faziam isso de forma unânime, mas usavam as casas como centros de comunhão onde se encontravam, comiam juntos e praticavam a mutualidade (At. 2:42-44), como centros de oração, onde intercediam uns pelos outros (At.12:12) e como local de culto e ensino da Palavra de Deus (At.20:20).

- a) Foi numa casa onde 120 discípulos estavam assentados orando que o Espírito Santo desceu (At.2:1-2).
- b) Todos os dias no templo e nas casas não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus, o Cristo (At.5:42)
- c) As perseguições de Saulo contra a Igreja tinham como alvo as casas, pois eram o lugar de reunião dos discípulos (At.8:3).
- d) Enquanto Pedro estava na prisão, os discípulos estavam reunidos na casa de Maria orando por ele (At.12:12)
- e) Paulo declarou que nada, que fosse útil, deixou de anunciar publicamente e nas casas (At.20:20).
- f) Paulo, em pelo menos cinco epístolas, faz saudações a líderes e à igreja que se reunia na casa deles:
- Rm.16:3,5: "Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus. Saudai também a igreja que está em sua casa..."
 - Rm.16:14: "Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermes, a Pátrobas, a Hermas e aos irmãos que estão com eles."
 - Rm.16:15: "Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a todos os santos que com eles estão."
 - I Co.16: 19: "As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetosamente no Senhor Áquila e Priscila, com a Igreja que está em sua casa."
 - Filipenses 4 - 22 Todos os santos vos saúdam, especialmente os que são da casa de César.
 - Cl.4:15: "Saudai aos irmãos de Laodicéia, a Ninfa e à Igreja que está em sua casa".
 - Fm 2: "E à irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa".

O Novo Testamento e especialmente as epístolas estão repletas de expressões ou mandamentos que indicam a interação e comunhão que precisa haver entre os membros do Corpo de Cristo. A Interdependência é a marca da Igreja, pois os discípulos precisam uns dos outros, dependem uns dos outros. Ninguém possui todos os dons, por isso, o relacionamento sadio entre os irmãos com a consequente operação da função de cada um é o fator que promove o crescimento do Corpo e a glória de Deus.

Fazendo a leitura dos imperativos de mutualidade abaixo, observamos que a prática deles na Igreja Primitiva não acontecia no contexto do templo, mas sim das casas. Esses mandamentos referem-se à maneira como devemos tratar o próximo, principalmente os domésticos da fé, os membros da família de Deus. A comunhão nesse nível como é ensinada pelos apóstolos não pode acontecer no templo em reuniões litúrgicas, esporádicas e formais. Essa interação entre os membros acontece nos lares, no dia a dia, a partir de relacionamentos mais próximos, informais. É no cotidiano da convivência entre os membros da Igreja, a par-

CAPÍTULO 2 - OS PEQUENOS GRUPOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

tir das circunstâncias que vão se sucedendo que é possível, por exemplo, consolar uns aos outros, acolher uns aos outros ou levar as cargas uns dos outros.

MANDAMENTOS DE MUTUALIDADE OU DE RECIPROCIDADE

I - DEVERES POSITIVOS:

- 1 - Amar uns aos outros – João 13:34; I Pedro 4:8; I João 3:18
- 2 - Ter cuidado uns dos outros – I Coríntios 12:24-25
- 3 - Suportar uns aos outros – Efésios 4:1-3; Colossenses 3:12-14
- 4 - Confessar pecados uns aos outros – Tiago 5:16
- 5 - Perdoar uns aos outros – Efésios 4:31-32; Colossenses 3:12-13
- 6 - Instruir uns aos outros – Colossenses 3:16
- 7 - Aconselhar uns aos outros – Colossenses 3:16
- 8 - Exortar uns aos outros – Hebreus 3:13
- 9 - Consolar uns aos outros – I Tessalonicenses 4:18
- 10 - Edificar uns aos outros – I Tessalonicenses 5:11
- 11 - Confortar uns aos outros – Romanos 1:12
- 12 - Sujeitar-se uns aos outros – Efésios 5:21

II - DEVERES NEGATIVOS:

- 1 - Não falar mal uns dos outros – Tiago 4:11
- 2 - Não morder, nem devorar uns aos outros – Gálatas 5:14-15
- 3 - Não ter inveja uns dos outros – Gálatas 5:25-26
- 4 - Não mentir uns aos outros – Colossenses 3:9-10

III - DEVERES ACERCA DO SERVIÇO:

- 1 - Ser servo uns dos outros – Gálatas 5:13-14; I Pedro 4:10
- 2 - Ajudar a levar as cargas uns dos outros – Gálatas 6:3
- 3 - Ser hospitaleiro uns com os outros – I Pedro 4:7-10
- 4 - Ser benigno uns com os outros – Efésios 4:31-32
- 5 - Orar uns pelos outros – Tiago 5:16

3. NA HISTÓRIA DA IGREJA

Quando o imperador Constantino se converteu ao Cristianismo no ano de 312, declarando-o como religião oficial do império romano, fez arrefecer a perseguição contra a igreja que já durava três séculos, porém também mudou a configuração das reuniões da igreja que até então se reunia em casas. Surgem

então os templos, as grandes catedrais, a religião estatal, a igreja institucionalizada, numa união intrínseca entre religião e estado. As reuniões nos lares ficaram proibidas e o poder político passou a prevalecer sobre o poder da igreja. Contudo, Wolfgang Simson em sua obra “Casas que transformam o Mundo” destaca algumas manifestações das Igrejas nos lares ao longo da história pós-apostólica.

O Movimento de Prisciliano, nobre espanhol que ainda no século IV resistiu ao Cristianismo institucionalizado, liderando um movimento liderado por leigos na Espanha e França, fundando pequenas comunidades que eram chamadas de “irmandades” e que se reuniam nas casas.

Apesar da degeneração teológica que se seguiu à corrupta associação entre a igreja e o império romano e a instituição do poder papal, vários focos de resistência existiram durante toda a idade média, até a Reforma Protestante, numa tentativa de manutenção da pureza da sã doutrina e do *modus vivendi* da igreja primitiva.

Para citar um exemplo da utilização dos pequenos grupos na pós-reforma, podemos falar da experiência de John Wesley, iniciador do movimento metodista na Inglaterra no século XVIII. Wolfgang Simson nos informa que Wesley espalhou por toda a Inglaterra uma rede de “classes santas” que eram grupos de 6 a 8 pessoas, sob a liderança de um dirigente, cujo objetivo era oração, leitura bíblica e santificação. Ao final da vida John Wesley formou aproximadamente 10 mil classes reunindo algo em torno de 100 mil pessoas.

Contemporaneamente, em nosso presente século XXI, temos diversos exemplos de Igrejas, de diferentes confissões, espalhadas nos cinco continentes, que tem utilizado os pequenos grupos na vida da igreja com grande e surpreendente êxito para comunhão e também para crescimento. Em sua maioria, são igrejas que mantêm a sã doutrina e um tratamento bíblico a esta estratégia de trabalho.

CAPÍTULO 3 - O QUE É UM PEQUENO GRUPO?

Por definição podemos dizer que um pequeno grupo é um conjunto resumido de cristãos que se reúnem semanalmente para oração, comunhão e evangelização. Como já visto anteriormente, não é algo novo na história da Igreja e até mesmo na história bíblica, pois vemos Jetro há aproximadamente 3500 anos, aconselhando Moisés a usar essa estratégia em sua tarefa de guiar o povo de Israel (Ex.18).

Podemos inclusive afirmar, sem qualquer erro, que a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, nasceu a partir de um pequeno grupo, o “Grupo do Clamor”, formado, principalmente, por três jovens seminaristas metodistas que se reuniam para orar nos fundos da faculdade debaixo de um pé de eucalipto.

Os pequenos grupos, portanto, não são fruto da visão particular deste ou daquele pastor ou mesmo de uma denominação. Representam uma estratégia utilizada pela igreja durante toda a sua história, com nomes e configurações diferentes.

A marca principal do pequeno grupo não é a reunião semanal, pois a reunião faz parte do funcionamento dele, mas o PG não se resume a ela. A chave são os relacionamentos, os contatos e a comunhão que precisa acontecer a semana inteira.

1. Quanto aos objetivos: O pequeno grupo não é somente um grupo de oração ou somente um grupo de comunhão ou ainda tem como meta apenas a evangelização. A Igreja nos lares busca cumprir todos os propósitos de Deus para a Igreja: Comunhão (uns aos outros), Consolidação (nós para o mundo), Celebração (nós para Deus), Consagração (Deus para nós), Contribuição (nós para a Igreja). Tem por objetivo principal cumprir a missão da Igreja conforme a declaração do Avivamento Bíblico: evangelizar e discipular pessoas, curá-las integralmente, torná-las verdadeiras adoradoras, ajudá-las a crescer na comunhão com Deus e com os irmãos, equipá-las para servirem a Deus e ao próximo através dos dons espirituais, a fim de glorificar o nome do Senhor Jesus. O PG não é um grupo fechado, não pode virar uma panelinha e nem deve ser uma reunião apenas social. O seu alvo é a multiplicação de discípulos de Jesus por meio da pregação do Evangelho.

2. Quanto à natureza: O pequeno grupo é flexível, móvel e visa pessoas, por isso pode facilmente adaptar-se às diversas situações para atingir seus objetivos. É um grupo pessoal onde pessoas se encontram com outras pessoas. Tudo nele é feito de forma espontânea, informal e inclusiva, porém sem comprometer a doutrina, a ordem e a decência.

3. Quanto ao conteúdo: O pequeno grupo em suas reuniões segue um roteiro pré-estabelecido pela liderança da igreja. Não pode nele faltar recepção (boas vindas, quebra-gelo) oração, louvor, compartilhamento da Palavra e confraternização. No capítulo 6 trataremos mais detalhadamente sobre cada elemento que compõe a reunião do PG.

4. Quanto ao local: Preferencialmente os pequenos grupos se reúnem nos lares dos irmãos como acontecia com a Igreja do tempo dos apóstolos. Porém, a depender de necessidades específicas ou motivos diversos, o grupo pode se reunir em escolas, salões de festas de condomínios, empresas, clubes, no templo, até em praças ou em qualquer lugar onde haja silêncio e um mínimo de privacidade. O local é previamente definido pelo líder com a anuência de todos os membros. O ideal é que esse grupo se reúna sempre no mesmo local para gerar identidade e facilitar a presença de visitantes descrentes.

5. Quanto ao nome: É bom que todo pequeno grupo tenha um nome que o identifique. Um nome fácil de ser lembrado, com um bom significado, bíblico de preferência e que tenha tudo a ver com os propósitos do grupo.

6. Quanto à frequência: O pequeno grupo encontra-se semanalmente em dia escolhido pelo líder após ouvir a todos os membros. O encontro precisa acontecer num dia e horário onde não haja cultos ou outras atividades rotineiras no templo. As atividades do pequeno grupo não devem conflitar com as atividades do templo e vice-versa. O encontro dura no máximo uma hora e meia e pode ser realizado em qualquer período, seja manhã, tarde ou noite. Geralmente a reunião acontece à noite por conta dos compromissos da maioria dos membros com trabalho, estudo e atividades domésticas durante o dia.

7. Quanto ao tamanho: O PG deve ter entre 5 e 15 pessoas não extrapolando esse número para não perder a sua identidade e foco. Um pequeno grupo com mais de 15 pessoas já não consegue atender aos objetivos da sua existência que é o cuidado pessoal de cada um e a atração de pessoas para o Evangelho. Um grande número de pessoas muitas vezes torna inviável a reunião por causa do espaço das residências. Quando o PG atinge um número maior de 15 membros é o momento de realizar a multiplicação a fim de que aquele grupo torne-se dois e outra casa seja transformada em ponto de encontro.

8. Quanto à liderança: Todo PG será conduzido por um líder e um auxiliar, chamado de vice-líder, que será alguém em treinamento para futuramente assumir um novo grupo. Todo líder será escolhido pelo pastor da igreja e a ele prestará contas ou a quem ele delegar.

CAPITULO 3 - O QUE É UM PEQUENO GRUPO?

9. Quanto à formação: Dois parâmetros podem ser usados no processo de formação de um PG, cada um com suas vantagens e desvantagens, a saber:

a) Por afinidade: os grupos são formados conforme as semelhanças (faixas etárias, interesses ou necessidades) ou tarefas comuns que unem as pessoas. Desta forma podemos ter grupos de crianças, adolescentes, jovens, adultos, casais, terceira idade, casais jovens, pais, líderes, pastores, etc. É estabelecido um lugar central para a reunião e o interesse comum é o elo que atrai as pessoas ao grupo.

b) Pela geografia: os grupos são formados a partir da proximidade de suas residências, sem levar em conta diferenças específicas como idade, estado civil ou ministério. Pessoas de determinada rua, bairro ou localidade, por exemplo, farão parte de um pequeno grupo. A essa forma damos o nome de PG misto.

10. Quanto aos custos: Uma das vantagens de se ter PG's na estrutura da igreja é que eles não demandam investimento financeiro, tem custo zero. Não há necessidade de aluguel de espaço, compra de cadeiras, instrumentos nem aparelhos de som para a reunião e não há remuneração para os envolvidos na liderança. Todo o trabalho é voluntário e as despesas eventuais e esporádicas com apoio às pessoas do grupo e também de fora, confraternização e realização de eventos de conquista são mantidas pelos membros do próprio grupo.

11. Quanto à multiplicação: Todo pequeno grupo precisa ter como meta crescer em número de membros convertidos, batizados e consolidados até o ponto da multiplicação. Isso significa que quando atingir um número em torno de 15 membros esse PG será multiplicado por dois. O vice-líder ou auxiliar irá assumir a liderança desse novo grupo nascente. Uma igreja pode ter tantos grupos quanto for possível manter, a depender apenas da existência de líderes capazes e disponíveis para conduzi-los. No final de cada ano o pastor e o supervisor devem fazer uma análise para verificar a situação específica de cada PG quanto ao crescimento e determinar o desmembramento. Esse momento de multiplicação deve ser celebrado.

CAPÍTULO 4 - A IMPORTÂNCIA DOS PEQUENOS GRUPOS PARA A SAÚDE DA IGREJA

Os pequenos grupos representam um fator gerador de saúde para a vida da Igreja. Precisamos considerar que uma das características mais importantes que toda igreja precisa ter é saúde, pois todo corpo saudável cresce. A Igreja é uma organização no contexto denominacional e administrativo, mas é, sobretudo, um organismo vivo, dinâmico, que para manter-se ativo e crescente precisa estar saudável.

No templo, a igreja congrega unanimemente para prestar culto a Deus através do louvor, ofertas, testemunhos e para receber Dele ensino por meio da Palavra. Os pequenos grupos contribuem para a saúde da Igreja porque, de uma forma geral, atendem às necessidades e demandas que não podem ser supridas somente no templo. No templo a igreja é edificada como um todo, como corpo. No pequeno grupo é edificada no particular, como células que reunidas formam o corpo.

Esse era o diferencial da Igreja Primitiva, pois concomitantemente reunia-se unanimemente no templo e repartia o pão de casa em casa. Por isso aquela igreja experimentava crescimento numérico exponencial e, ao mesmo tempo, aprofundava os relacionamentos vivendo de forma comunitária, suprimindo as necessidades de cada pessoa, de forma que não faltava nada a ninguém.

Existem alguns casos de crescimento numérico de igrejas que nem podem ser considerados, pois se limitam a isso. Um inchaço caracterizado pelo acréscimo de pessoas ao rol de membros, pessoas essas que não desenvolvem relacionamento com as demais, não amadurecem, não se envolvem nos propósitos da igreja vivendo à margem, distantes do centro da vontade de Deus.

Vivemos hoje, porém, um tempo de fascínio pelas multidões, mas Jesus nunca se empolgou por elas, ao contrário, chorava ao vê-las, pois eram como ovelhas sem pastor. A multidão muitas vezes mascara a falta de compromisso individual, os conflitos interiores e a ausência de propósito. Há muitas pessoas escondidas no meio da multidão de discípulos que se reúnem no templo, mas que ainda nem nasceram de novo. As evidências do novo nascimento, da nova natureza que recebemos de Deus ficam evidentes no contexto familiar, nos relacionamentos, na convivência.

Nesse sentido, entendemos que a Igreja de Cristo na Terra tem vivido um despertar para a realidade de que o grande grupo e o pequeno grupo, o templo e as casas, o corpo e as células, o geral e o particular são categorias que unidas produzem saúde e vida para seus membros. O trabalho dos pastores e presbíteros no geral, associado ao trabalho dos líderes de pequenos grupos no particular, convergem para o mesmo objetivo, ou seja, gerar saúde no corpo, na alma e no espírito das ovelhas. Essa é a visão de Deus para a sua Igreja expressa nas pági-

nas do Novo Testamento. Como disse Rick Warren em seu livro *Uma Igreja com Propósitos*, “precisamos parar de pedir a Deus que abençoe aquilo que queremos fazer e começar a fazer aquilo que Deus abençoa”

Apresento a seguir algumas razões que fazem do pequeno grupo um elemento que promove saúde para a vida da Igreja e conseqüentemente, comunhão e multiplicação.

1. Os PG's facilitam o pastoreio: o atendimento das necessidades espirituais e materiais: No Antigo Testamento, Jetro trouxe para Moisés esse princípio importantíssimo para o cuidado do rebanho do Senhor. Moisés à época assentava-se sozinho para julgar as causas do povo e dar-lhe direção. Sabiamente seu sogro lhe disse: sozinho você não pode guiar esse povo, escolha líderes no meio do próprio povo que vão te ajudar a pastoreá-lo (Ex.18:17-21). Os pequenos grupos cumprem esse papel de facilitar o trabalho pastoral. É impossível um pastor sozinho cuidar adequadamente de cada ovelha, sobretudo quando esse rebanho passa de 80 pessoas. Somente com as reuniões no templo não é possível perceber e atender as necessidades espirituais, físicas, emocionais e financeiras que todos tem. A partir das reuniões nos lares fica mais fácil perceber a falta e as necessidades uns dos outros e o líder auxilia o pastor na tarefa de apascentar o grupo e cada membro é também responsável pelo cuidado uns dos outros (I Co. 12:25)

2. Os PG's possibilitam a formação de novos líderes: Uma vez que é impossível uma só pessoa pastorear adequadamente uma igreja, os pequenos grupos possibilitam um modelo descentralizado de liderança, abrindo a oportunidade para que líderes sejam levantados na Igreja, a fim de cumprir o chamado de Jesus para fazer discípulos e edificar a Igreja. A partir de requisitos estabelecidos por cada pastor, jovens e adultos, homens e mulheres podem receber esse encargo de liderar um PG. As reuniões nos lares se constituem num ambiente propício para o treinamento de novos líderes.

3. Os PG's viabilizam a integração dos novos convertidos: Os grandes templos e um grande número de pessoas acabam se tornando um obstáculo para a perfeita integração dos novos convertidos. Muitos após a decisão acabam por não perseverar na Igreja por falta de melhor acolhimento. Nesse sentido, os pequenos grupos facilitam essa integração por permitir que esse novo na fé tenha o cuidado necessário e a proximidade de irmãos com quem pode desenvolver relacionamento desde o início.

4. Os PG's contribuem para o crescimento da Igreja: De uma forma geral e por vários motivos, as pessoas se sentem mais confortáveis em participar de uma reunião na casa do vizinho do que ir ao templo, inicialmente. Os peque-

CAPÍTULO 4 - A IMPORTÂNCIA DOS PEQUENOS GRUPOS PARA A SAÚDE DA IGREJA

nos grupos estendem assim a abrangência geográfica da Igreja, tornando-se pontos de pregação, fazendo da casa dos cristãos um local de comunhão, oração e evangelização, como era na Igreja Primitiva. No livro de Atos dos Apóstolos temos o exemplo de Cornélio que ao receber a visita de Pedro convidou seus parentes e amigos íntimos (At.10:24) para ouvir aquilo que o apóstolo tinha a falar e como resultado todos foram cheios do Espírito Santo e depois foram batizados nas águas, pois creram no Evangelho de Jesus (At.10:44-48).

5. Os PG's possibilitam culto participativo e informal: Nas reuniões nos lares todos tem a oportunidade de falar e cooperar com seu dom pessoal, tornando-se um canal para a edificação do Corpo. Os pequenos grupos tem a marca da espontaneidade e da informalidade. Tudo é feito num ambiente sem formalismo religioso, buscando um ensino prático das Escrituras. Enquanto no templo prevalece a liturgia e formalidade característicos, nos lares o culto é interativo, participativo e inclusivo.

6. Os PG's aprofundam os relacionamentos: Infelizmente a superficialidade tem sido uma marca bastante negativa que tem acompanhado a Igreja contemporânea. Pessoas freqüentam templos, porém não passam de mais um na multidão, não desenvolvem relacionamentos significativos, não fazem amizades, não compartilham necessidades, tristezas nem vitórias. O isolamento tem sido a rotina de muitos cristãos que até freqüentam um templo, mas não compartilham a sua vida com ninguém. No pequeno grupo as pessoas são chamadas pelo seu nome, sua data de aniversário é lembrada, suas qualidades são reconhecidas, suas necessidades são compartilhadas e há intercessão individual e pessoal. Quando alguém não está presente todos sentem a sua falta.

7. Os PG's levam a Igreja ao povo: A Igreja indo até as casas significa um retorno à obediência do "ide" proclamado por Jesus (Mt.28:19-20). Um dos benefícios dos pequenos grupos é o fato de que através deles não se tenta apenas levar as pessoas à igreja, mas a igreja vai até as pessoas. A missão da igreja não alcançará o seu alvo se resumir suas atividades ao templo e convidar as pessoas para virem. A penetração da igreja nas ruas e bairros da cidade atende ao chamado de Jesus que deseja que a sua casa se encha (Lc.14:23).

8. Os PG's aproximam a igreja contemporânea da realidade vivida pela igreja primitiva: O Novo Testamento nos apresenta uma igreja dinâmica, poderosa, ativa e que experimentava um crescimento vertiginoso, diário

e consistente. Qual era o segredo da Igreja Primitiva? Não centravam suas ações apenas no templo, mas todos os dias davam testemunho da ressurreição de Jesus no poder do Espírito Santo e como resultado todos os dias havia acréscimos de pessoas à igreja, os discípulos caíam na graça do povo, apesar da perseguição das autoridades religiosas e civis (At.2:47). A Igreja estava nas ruas, nas casas, havia comunhão, compartilhamento das necessidades, integração entre as pessoas, havia um contato que não era meramente religioso, formal, existia um relacionamento que não se restringia aos momentos de cultuar a Deus ou realizar algum serviço religioso. Os pequenos grupos permitem as pessoas viverem a vida cristã para além do templo e para além da mera religiosidade egoísta. A igreja nos lares é o retorno da Igreja ao padrão primitivo é o resgate das raízes do verdadeiro cristianismo.

9. Os PG's ajudam a Igreja a viver a verdadeira santidade: Em sua opinião, qual é o lugar mais fácil para uma pessoa ser santa? Com certeza é num templo. Pelo simples motivo de que é fácil ser luz na luz e sal no saleiro. É relativamente fácil manter a sobriedade, o domínio próprio, um vocabulário santo, vestir-se com decoro, parecer santo enquanto estamos num lugar que reputamos por sagrado. E qual seria o lugar mais difícil, e por isso mais significativo, para uma pessoa ser santa? Sem sombra de dúvidas é na sua casa, no meio da sua família, onde essa pessoa está todo tempo confrontada com a sua verdadeira realidade. Conta-se a história de um menino que pediu ao pai para morar na igreja porque lá a família não brigava, todos se beijavam e abraçavam e pareciam felizes. É em casa que toda máscara e farisaísmo caem por terra.

10. Os PG's constituem-se numa estratégia à prova de perseguição: Hoje, a igreja em muitas nações onde não há liberdade religiosa sobrevive e cresce por causa da presença de pequenos grupos de cristãos subversivos que se reúnem nos lares. Países como a China comunista onde não é permitido a construção de templos nem a manifestação pública de religiões, tem aproximadamente 300 milhões de cristãos que se reúnem escondidos, mas mantém uma espiritualidade viva e dinâmica. O que seria de muitas igrejas em nosso país, por exemplo, se de repente, fosse proibido qualquer culto ou manifestação religiosa? O que seria de muitas igrejas que tem apenas o templo como ponto de culto, encontro e contato dos seus membros?

CAPÍTULO 5 - AS MARCAS DE UMA IGREJA COM PEQUENOS GRUPOS

1. OS DIVERSOS MODELOS

Existem hoje em todo mundo experiências diversas com pequenos grupos ou células. Inclusive o nome não é um fator preponderante. Grupos familiares, grupos de comunhão, koinonia, células, igreja nos lares, etc. são alguns dos nomes que estão sendo utilizados para se referir à mesma estratégia.

O nome célula tem sido mais largamente usado em virtude de seu crescimento ser similar ao das células de um corpo humano em crescimento. O ser humano cresce pela multiplicação constante das células de seu corpo. Sendo a Igreja o Corpo de Cristo e cada cristão um membro em particular (I Co.12:27), as células, como grupos de irmãos, constituem-se em unidades básicas, que unidas formam o Corpo também.

Na Coréia, na Tailândia, na Colômbia, na China e também no Brasil temos exemplos de comunidades que após aplicarem o princípio neotestamentário da Igreja reunindo-se em pequenos grupos experimentaram crescimento qualitativo (comunhão) e quantitativo (numérico). Podemos dividir essas diversas experiências em dois modelos distintos: a Igreja em células e a igreja com células.

2. A IGREJA EM CÉLULAS

Esse modelo de Igreja se distingue por centralizar toda a vida da comunidade a partir dos pequenos grupos, reduzindo drasticamente a importância e funcionalidade do templo. Geralmente essas igrejas, com o tempo, cancelam os cultos e demais atividades do meio da semana, reunindo-se numa única celebração dominical. Enxergam nas reuniões nos lares tudo o que a igreja precisa para manter-se saudável. Além de reunir-se para orar, louvar e evangelizar, essas igrejas ofertam e dizem nos pequenos grupos e também celebram a santa ceia, concentrando nessas reuniões toda a organização que havia no templo. Com algumas diferenças de uma para outra, essas igrejas também acabam por abolir a Escola Bíblica Dominical colocando em seu lugar uma Escola de Líderes ou mesmo uma Celebração.

3. A IGREJA COM CÉLULAS (NOSSA VISÃO)

No modelo da Igreja com células ou pequenos grupos a estrutura organizacional, administrativa e litúrgica da igreja não muda. Os pequenos grupos são vistos como estruturas importantes para a saúde da Igreja assim como as atividades e ministérios desenvolvidos no templo também. Não são vistos como estruturas excludentes, mas complementares, como dois lados da mesma moeda, duas asas que sustentam e equilibram a igreja permitindo a sua decolagem e vôo.

Numa igreja com células o pastor continua sendo a autoridade espiritual

que tem a responsabilidade geral de apascentar e velar pelo rebanho. A Escola Bíblica Dominical continua a ser uma prioridade como centro de ensino e aprendizagem da Palavra de Deus. Os cultos públicos no templo são encarados como de grande valor para instrução do povo de Deus e fortalecimento espiritual. O recolhimento de ofertas e dízimos e celebração da Ceia do Senhor continuam a ser atividades desenvolvidas no contexto do templo, na reunião de toda a Igreja. Os diversos ministérios existentes na estrutura da Igreja não conflitam com os pequenos grupos. As atividades da Igreja, encontros e celebrações, são momentos de instrução geral e comunhão de todos.

Os pequenos grupos introduzidos na estrutura da igreja não a mina nem diminui a sua importância, ao contrário, traz fortalecimento espiritual, aprofunda a comunhão e gera crescimento espiritual e numérico à medida que os membros envolvidos passam a conduzir sua vida cristã de forma mais consciente em relação aos propósitos de Deus.

Sendo assim, cada pequeno grupo não se constitui na igreja, mas parte da Igreja e cada membro é instado a participar tanto das reuniões de celebração no templo, quanto das reuniões do seu PG. A ordem bíblica a seguir é: “não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hb.10:25). Conforme esse entendimento uma igreja com pequenos grupos tem como objetivo:

- a) Ajudar as pessoas a crescerem num relacionamento de intimidade com Deus.
- b) Ajudar as pessoas a crescerem num relacionamento de intimidade umas com as outras.
- c) Trazer pessoas a Jesus.
- d) Fazer a igreja ir até as pessoas e aos lares ao invés de esperar que elas venham até o templo.
- e) Praticar o amor que nos identifica como verdadeiros discípulos de Cristo.
- f) Fazer do lar de cada irmão um lugar de oração, comunhão e evangelização.
- g) Formar e treinar novos líderes espirituais.
- h) Levar as pessoas a desenvolverem sua vida cristã fora do templo.
- i) Fazer com que os membros da Igreja se relacionem cotidianamente e não apenas nos dias de cultos e reuniões.
- j) Ampliar o raio de ação da igreja multiplicando na cidade os locais de encontro.
- k) Facilitar a mobilização do rebanho, diminuindo o esforço do pastor nesse sentido.

CAPÍTULO 6 - PESSOAS CHAVES PARA O SUCESSO DO PEQUENO GRUPO

O funcionamento dos PG's e seu esperado sucesso é resultado do trabalho realizado por diversas pessoas envolvidas diretamente em sua estrutura. Queremos aqui falar dos elementos humanos que compõem um pequeno grupo e suas atribuições, mas não podemos esquecer de que Deus constitui-se na pessoa principal e Dele todos precisam depender.

Nenhuma teoria, ideia ou metodologia, ainda que seja bíblica, pode lograr êxito sem a bênção de Deus e sua direta intervenção. É um erro grave pensar que os esforços humanos sozinhos podem garantir crescimento e maturidade para a Igreja de Jesus. Ao falar sobre o seu trabalho e o de Apolo na Igreja de Corinto, o apóstolo Paulo afirmou, categoricamente, que cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porém, ele foi claro ao dizer que enquanto ele plantou e Apolo regou quem deu o crescimento foi Deus (I Co.3:6-8). Não existe crescimento equilibrado e verdadeiro da igreja fora da pessoa de Deus e da sua Palavra.

Uma vez conscientes de que sem Jesus nada podemos fazer (Jo.15:5), cada pessoa envolvida na estrutura dos pequenos grupos precisa cumprir plenamente o seu papel. Os resultados na comunhão e no crescimento são oriundos do somatório do esforço de todos. Como numa engrenagem, cada peça é fundamental. Os resultados também não virão pelo simples fato de existirem grupos de cristãos se encontrando semanalmente. Pequenos grupos demandam trabalho, bastante trabalho. Assim sendo, as responsabilidades desenvolvidas pelo pastor, supervisor, líder e vice-líder, anfitrião e membros são indispensáveis. Vejamos detalhes das atribuições de cada um desses componentes humanos envolvidos na estrutura dos PG's:

1. PASTOR:

Como líder espiritual e encarregado pelo cuidado de todo o rebanho, o pastor da igreja é o responsável pela coordenação geral dos pequenos grupos. O pastor é o guia do povo (Hb.13:17), quem dá a direção e a visão para o trabalho. Se o pastor não estiver por trás dessa visão e de forma apaixonada, as chances da sua congregação engajar-se são mínimas. Por isso o pastor, o conselho da igreja e os líderes principais precisam estar envolvidos diretamente, sobretudo na sua fase de implantação, mas não somente aí, precisa ter participação em todas as etapas e experiências dos pequenos grupos em sua comunidade.

○ RESPONSABILIDADES DO PASTOR:

- Transmitir de forma constante a visão dos pequenos grupos à igreja por meio da pregação e do ensino da Palavra.

- Convocar e treinar de forma sistemática e freqüente toda a liderança envolvida com os PG's.
- Envolver-se diretamente em um PG, que pode ser um projeto-piloto na fase de implantação.
- Coordenar e supervisionar o trabalho de todos os líderes.
- Promover seminários ou congressos para fortalecer a conscientização da igreja a respeito dos PG's.
- Garantir apoio e cuidado aos líderes de pequeno grupo.
- Perseverar na condução da estratégia, animando a liderança nos momentos de tribulação ou fracasso.
- Comunicar à igreja, por todos os meios possíveis, a importância de fazer parte de um PG: através da música, vídeos, imagens, redes sociais, banners, cartazes, boletins, camisas, faixas, etc.

2. SUPERVISOR

É um ou mais líderes que auxiliam o pastor na tarefa de acompanhar o andamento dos pequenos grupos, bem como, prover cuidado individual aos líderes. Dentro da estrutura do Avivamento Bíblico essa função pode ser desempenhada pelo Assessor de Evangelismo e Missões do Campo Eclesiástico, por um presbítero ou pelo líder de evangelismo e missões na congregação ou ainda, por outra pessoa a quem o dirigente delegue essa responsabilidade.

Quando os grupos são formados por afinidade e a depender do número deles, os supervisores podem ser estabelecidos para acompanhar cada categoria, por exemplo: supervisor dos PG's de casais, supervisor dos PG's de jovens, supervisor do PG's de mulheres e assim por diante. Quando os grupos são formados a partir da geografia, os supervisores são estabelecidos para acompanhar determinados PG's que fazem parte de uma mesma região geográfica da cidade.

Outra estratégia possível para a realização da importante tarefa de acompanhar os pequenos grupos é estabelecer como supervisores aqueles líderes que já multiplicaram os seus grupos uma ou mais vezes e agora podem ajudar a garantir o bom andamento dos demais. Conforme vão surgindo outros grupos, aquele supervisor da célula-mãe vai ficando responsável por eles. Um supervisor deve coordenar de 4 a 5 PG's.

○ RESPONSABILIDADES DO SUPERVISOR:

- Estar submisso ao pastor da igreja e a ele prestar contas.
- Auxiliar o líder e seu grupo, dando-lhe suporte e ajudando-o em questões mais complexas.
- Orientar o líder do grupo e garantir que o objetivo do ministério esteja sendo atingido nos grupos sob sua supervisão.
- Participar esporadicamente das reuniões dos grupos sob a sua responsa-

bilidade.

- Prover todo o material básico para o líder realizar o seu trabalho.
- Auxiliar o líder no processo de multiplicação.
- Garantir que os líderes sob a sua supervisão participem dos encontros de treinamento.

3. LÍDER E VICE-LÍDER OU AUXILIAR

O líder de pequeno grupo é todo membro, jovem ou adulto, solteiro ou casado, homem ou mulher que compreendeu os propósitos de Deus para a igreja e se dispõe a fazer discípulos e edificar a igreja.

É alguém disposto a investir seu tempo e energia, dons e talentos no pastoreio de um grupo de irmãos que com ele se reúne para orar, compartilhar a Palavra de Deus e evangelizar os pecadores. É alguém disposto a trabalhar voluntariamente em benefícios de outros irmãos e do Reino de Deus.

Todo líder para estar à frente de um pequeno grupo precisa passar por certos critérios que são básicos, mas essenciais para o sucesso do seu trabalho. Um bom líder de PG é antes de tudo um discipulador, submisso à liderança da igreja, envolvido na visão e na missão, que congrega e contribui fielmente com dízimos e ofertas, é aluno da escola bíblica dominical, participa dos encontros de treinamento, tem bom relacionamento com todos, cuida bem da sua vida espiritual e da sua casa e se é casado e tem filhos, investe profundamente nesses relacionamentos, na sua família, como seu pequeno grupo principal.

O vice-líder ou auxiliar é alguém que tem os mesmos requisitos do líder, com a diferença que ele está ainda sendo treinado para o exercício da função. Todo pequeno grupo precisa ter um ou mais auxiliares que ajudarão o líder na sua condução e assumirão as tarefas na sua ausência. Além disso, é alguém que está em treinamento para que no momento da multiplicação ele possa assumir o novo grupo que vai nascer.

○ RESPONSABILIDADES DO LÍDER:

1. Para consigo mesmo:

- Manter uma vida de consagração pessoal diante de Deus através do jejum, da oração e da meditação nas Escrituras.
- Zelar por sua vida pessoal, saúde física, financeira e familiar, preservando uma boa reputação para com os de dentro e os de fora.
- Envolver-se em todos os propósitos da igreja, buscando agradar a Deus, sendo um cristão exemplar.

- Ser humilde ao reconhecer que não é perfeito, mas está num processo de aperfeiçoamento do caráter e santificação, buscando em Deus e na Palavra o tratamento para as áreas não aperfeiçoadas da sua vida.

- Ter um espírito dócil e ensinável, sempre disposto a aprender.

2. Para com seu pequeno grupo:

- Conscientizar e envolver seu grupo na visão e nos propósitos da igreja.
- Gerar um ambiente de confiança, transparência, amor e interesse entre os irmãos.

- Visitar esporadicamente todos os membros do seu pequeno grupo, especialmente os fracos, enfermos, ausentes, enlutados, ou que estejam passando por algum outro problema.

- Conhecer o estado de cada membro do seu grupo e oferecer cuidado e apoio (Pv.27:23)

- Mobilizar seu PG para participar de todas as atividades realizadas pela igreja no templo ou fora dele.

- Investir no treinamento do vice-líder para a futura multiplicação do grupo.

- Organizar, mobilizar e ajudar na realização dos eventos de conquista.

- Buscar resolver os problemas que surgirem no âmbito do seu grupo, buscando apoio do supervisor e/ou pastor da igreja nos casos mais graves.

3. Para com seu líder:

- Ser submisso e obedecer às ordens de comando e direcionamento para o trabalho.

- Atender as convocações para reuniões e treinamentos ministeriais.

- Buscar auxílio do pastor quando estiver enfrentando uma dificuldade na vida pessoal.

- Prestar relatórios quando for solicitado.

- Solicitar materiais correspondentes ao trabalho.

4. ANFITRIÃO

O anfitrião é o irmão ou irmã que disponibiliza a sua casa para a igreja realizar as reuniões do pequeno grupo. É alguém que compreendeu a importância dessa atividade, participa do grupo com amor, e por isso abre as portas da sua residência.

A hospitalidade e o prazer de receber os irmãos em casa sempre foi uma marca da Igreja. O próprio Jesus foi acolhido inúmeras vezes por diferentes famílias. Certa vez Ele curou a febre da sogra de Pedro, na casa deste, e ela imediatamente passou a servi-los (Mc.1:29-39). Parece que aquela casa era onde Jesus se hospedava frequentemente em Cafarnaum.

CAPÍTULO 6 - PESSOAS CHAVES PARA O SUCESSO DO PEQUENO GRUPO

A família de Lázaro, Marta e Maria, irmãos que moravam em Betânia, diversas vezes acolheu Jesus e seus discípulos e os alimentou. Paulo recomendou aos crentes da igreja em Roma a exercer a hospitalidade (Rm.12:13). O autor da carta aos hebreus também lembrou aos seus leitores sobre a importância da hospitalidade (Hb.13:2). Pedro exortou os cristãos em sua primeira epístola a serem hospitaleiros sem murmurações (I Pe.4:9)

O Anfitrião e sua casa são elementos fundamentais para o sucesso do PG. A depender da forma que forem recebidas, sobretudo pelo (a) dono (a) da casa, as pessoas desejarão retornar ou não. Vejamos algumas atribuições que lhes são características.

○ RESPONSABILIDADES DO ANFITRIÃO:

- Preparar antecipadamente o local da reunião, dispondo os assentos, verificando a iluminação e todos os detalhes necessários.
- Receber bem os irmãos e visitantes, demonstrando alegria pela presença deles.
- Convidar parentes, amigos e vizinhos para participar das reuniões (Todos os membros do PG tem essa responsabilidade também).
- Estar preparado para atender alguma eventual necessidade que surgir durante a reunião como alguém com sede, querendo ir ao banheiro, etc.

5. MEMBROS

São os membros da igreja, inseridos num determinado pequeno grupo, que se reúnem semanalmente para orar, compartilhar a Palavra e evangelizar. É alguém que se converteu, já foi batizado e está devidamente arrolado no rol de membros da Igreja. Uma pessoa torna-se oficialmente membro do PG quando passa a integrar a membresia da Igreja. O PG em seus relatórios de frequência acompanha a mesma organização da igreja. À medida que um visitante se converte e é batizado e passa a ser membro da Igreja, passa a ser oficialmente membro do pequeno grupo.

Cada pessoa, cada membro do grupo tem, então, responsabilidades e direitos, funções a desempenhar e prerrogativas a gozar. O sucesso de um PG é medido também pelo grau de compromisso de seus membros. Um grupo formado por pessoas sem propósitos e desconectadas da visão da Igreja está, infelizmente, fadado ao fracasso. Um pequeno grupo vivo e dinâmico é formado por pessoas aivadas e cheias do Espírito Santo.

As responsabilidades dos membros do pequeno grupo precisam ser constante-

mente lembradas para que o grupo não perca o foco e a direção. Existe uma tendência humana ao relaxamento e à acomodação. É preciso lembrar sempre que o líder do PG não existe para trabalhar sozinho pelo grupo, mas para coordenar as ações e tarefas que são de todos.

○ **RESPONSABILIDADES DOS MEMBROS:**

- Frequentar assiduamente as reuniões do PG, comunicando ao líder a razão da sua ausência, quando houver necessidade.
- Ser transparente no convívio com o grupo, compartilhando sentimentos, lutas, alegrias e vitórias, confiando no apoio e interseção dos irmãos.
- Manter sigilo em tudo aquilo que for compartilhado dentro do grupo, contribuindo para a transparência e preservando uma atmosfera de confiança.
- Estar disponível para participar das reuniões, eventos de conquista e outras atividades que forem programadas pelo grupo. Ter um espírito de servo.
- Ter compromisso com o crescimento do pequeno grupo, sempre convidando pessoas para participar das reuniões, mesmo que o PG não esteja reunindo-se em sua casa.
- Ser submisso à autoridade e orientações da liderança do grupo.
- Assumir o compromisso de orar regularmente por todos os membros do grupo, visitantes e problemas que são compartilhados.
- Buscar uma convivência pacífica e amorosa com todos os membros do grupo, respeitando as diferenças individuais e perdendo sempre que necessário.
- Estar envolvido em todos os propósitos de Deus para Igreja, celebrando regularmente, em comunhão com os irmãos, contribuindo para a obra de Deus, consagrando-se diante de Deus por meio da oração, do jejum, da Palavra e afastando-se do pecado e consolidando pessoas em Cristo por meio da pregação do Evangelho e do discipulado pessoal.

CAPÍTULO 7 - ROTEIRO BÁSICO DA REUNIÃO DO PEQUENO GRUPO

O pequeno grupo deve se reunir uma vez por semana e seus membros devem estar previamente cientes do dia, horário e local em que a reunião irá acontecer. Apesar de não ser o único lugar e momento de contato entre os membros, pois eles terão contato nos cultos, EBD e outros eventos da igreja, a reunião do PG é o momento oficial do encontro dos irmãos que fazem parte daquele grupo.

A reunião do pequeno grupo não deve durar mais que uma hora e trinta minutos. Entre 1h e 1h30 é o tempo ideal. Com naturalidade e espontaneidade é possível nesse tempo fazer tudo o que se pretende. É melhor terminar a reunião com um gosto de “quero mais” do que estendê-la muito a ponto de se tornar enfadonha.

A nossa ideia aqui é apresentar o conteúdo dessa reunião. Quais serão os ingredientes que farão parte desse encontro dos irmãos nas casas.

Prioritariamente a reunião do PG deve ser marcada pela informalidade, interatividade e espontaneidade. Busca-se desenvolver nela virtudes que não são contempladas pelas reuniões coletivas no templo. No templo poucos falam e o resto ouve, porém no PG todos podem e devem se expressar. No templo há uma liturgia formal, um programa de culto a ser seguido e obedecido, no PG existe até um roteiro, mas que não é rígido, é flexível, mutável, adaptável, sem formalismo religioso.

No entanto, os líderes e membros de um pequeno grupo devem conhecer quais são as etapas básicas que devem ser cumpridas numa reunião para que o propósito principal seja atingido. A reunião do PG não existe apenas para motivar o contato social dos membros da Igreja. A ideia é aproveitar o ambiente leve e informal dos lares para aprofundar relacionamentos, desenvolver a maturidade espiritual, cultuar a Deus e ao compartilhar a Palavra, expor as verdades do Evangelho que podem salvar o pecador.

Entendemos que numa reunião de pequeno grupo deve haver cinco momentos distintos: recepção, oração, louvor, compartilhamento da Palavra e confraternização.

ESTRUTURA DE UMA REUNIÃO DE PEQUENOS GRUPOS

(tempo de duração: uma hora e trinta minutos)

1. Recepção - 15 minutos
2. Oração - 15 minutos
3. Louvor - 10 minutos
4. Compartilhamento da Palavra – 35 minutos

1. RECEPÇÃO

É o momento de chegada e acolhimento dos irmãos e visitantes. O líder deve zelar pela pontualidade e chegar cedo para realizar essa atividade. Aliás, uma das marcas de um PG que cresce é o compromisso com o horário de início e término das suas reuniões e atividades.

Esse momento de boas vindas é muito importante, pois serve como um quebragelo, deixando as pessoas à vontade. O líder, com simpatia, procura saber o nome dos visitantes e solicita a pessoa que convidou a apresentá-los ao grupo.

É preciso entender que a partir do momento que as pessoas vão chegando a reunião já começou. Diferente das reuniões no templo, não é necessário uma voz de comando para indicar o início. Nesse momento também se deve aproveitar a oportunidade para perguntar como todos passaram a semana, falar amenidades, acontecimentos notórios da sociedade e assuntos gerais que envolvam a todos.

O líder também pode neste momento ou ainda, antes ou depois do compartilhamento da Palavra, a seu critério, fazer uso de alguma dinâmica de grupo para preparar ou despertar os corações para a reflexão bíblica ou reforçar o tema do encontro.

2. ORAÇÃO

Toda reunião do PG deve ter oração, porém não há rigidez quanto ao momento para orar, podendo acontecer no início, no meio ou no final, ou nos três momentos também. A Igreja primitiva se reunia nos lares para orar e, às vezes, por motivos bem específicos. Por exemplo, enquanto Pedro estava preso, a Igreja estava reunida na casa de Maria, mãe de João Marcos, orando por ele (At.12:5, 12). Alguns princípios a serem lembrados:

- Utilize várias estratégias: Peça para alguém orar enquanto os demais concordam, faça duplas, trios de oração, ore coletivamente, destaque pessoas para orar por motivos específicos, etc.

- Ore pelas necessidades das pessoas: Coloque diante de Deus em oração, os problemas e as necessidades que forem compartilhadas. Ore especialmente pelos visitantes e suas famílias.

- Faça campanhas de oração: Persevere em oração por problemas que forem apresentados até haver solução.

- Divida o grupo em duplas de oração: Diretamente, através de sorteio ou outra dinâmica faça duplas de oração para que os irmãos orem uns pelos outros durante a semana.

- Estabeleça alvos constantes de oração: Defina com o grupo os alvos de oração que são permanentes e que devem ser lembrados em cada reunião e também no devocional individual de cada um. Por exemplo, orar em todas as reuni-

CAPÍTULO 7 - ROTEIRO BÁSICO DA REUNIÃO DO PEQUENO GRUPO

ões pelos alvos de crescimento do grupo, quantas e quais pessoas deseja-se ganhar para Jesus.

- Ore pela casa onde o PG se reúne e por todas as famílias presentes e/ou representadas.

3. LOUVOR

É preciso também valorizar um momento de louvor e adoração na reunião do pequeno grupo. Esse momento deve ser composto por um ou dois louvores que sejam conhecidos de todos ou da maioria dos presentes. O líder, se possível, deve providenciar cópias das letras das músicas, a fim de que todos participem, inclusive os visitantes. Se houver alguém membro que toque violão ou ainda o líder quiser fazer uso de um aparelho de som para que o grupo acompanhe, será muito bom, porém o louvor e a adoração não dependem de instrumentos nem equipamentos, não devendo ser um motivo de preocupação para o PG. Alguns motivos porque devemos investir neste momento:

- Deus habita no meio dos louvores do seu povo (Sl.22:3).
- O Espírito Santo flui num ambiente onde há louvor e adoração.
- O louvor contribui para o quebrantamento e traz abertura para a Palavra.
- A música desarma as pessoas, por isso também liberta.
- Deus procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo.3:23-

24)

4. COMPARTILHAMENTO DA PALAVRA

Constitui-se no momento central da reunião do pequeno grupo, onde os membros reunidos irão fazer uma reflexão da Palavra conduzida ou mediada pelo líder, vice-líder ou ainda alguém do próprio grupo que a liderança indicar. Esse compartilhamento tem como principais características: participação de todos no estudo, aplicação prática da mensagem estudada na vida de cada um e um chamado para todos viverem o que foi aprendido. Esse compartilhamento pode ser feito a partir de duas dinâmicas:

A) COMPARTILHAMENTO DO SERMÃO PREGADO NO CULTO NO TEMPLO

Não significa que o líder irá pregar novamente o sermão. A ideia é que os membros tenham a oportunidade de aprofundar-se naquilo que Deus falou por meio da pregação, falando dos pontos em que foram tocados, mudanças que ocorreram ou decisões que foram tomadas. É uma estratégia que evita o desperdício da Palavra de Deus pregada no templo, que muitas vezes é esquecida pelas

pessoas logo após saírem do culto. É preciso pensar que cada mensagem bíblica que Deus nos traz, carrega consigo uma necessidade de uma resposta por parte dos que a ouvem. Nossa igreja em Feira de Santana tem usado essa dinâmica com êxito. Os líderes de pequeno grupo recebem no final da celebração do domingo um esboço de compartilhamento da mensagem pregada naquela noite. Outra possibilidade é o próprio líder anotar os pontos principais do sermão.

B) COMPARTILHAMENTO DE LIÇÕES ESPECÍFICAS OU REVISTA DE ESTUDOS BÍBLICOS.

O pequeno grupo pode compartilhar também lições específicas direcionadas pela liderança da igreja. De igual forma os líderes receberão esse esboço para aplicação na reunião. Pode-se usar também uma revista de estudos bíblicos, podendo ser a mesma da EBD ou outra com algum tema específico que se julgue relevante para aplicação no PG.

Seja qual for a dinâmica utilizada, alguns princípios e valores precisam ser levados em conta para que haja êxito no compartilhamento da Palavra:

- O líder não deve pregar novamente o sermão ou lição, monopolizando a palavra.
- O líder não deve permitir que uma só pessoa fale, excessivamente.
- O líder não deve pressionar ninguém a falar.
- O líder não deve permitir que os membros usem esse tempo para falar sobre assuntos irrelevantes.
- O líder não deve permitir discussões doutrinárias ou diferenças teológicas com outras igrejas e denominações.
- O líder precisa se preparar para esse momento estudando o esboço previamente.
- O líder precisa fazer perguntas amplas e abertas que estimulem a participação de todos e envolvam o grupo.
- O líder precisa estimular o compartilhamento de problemas e necessidades e o testemunho de vitórias alcançadas.

5. CONFRATERNIZAÇÃO

É o momento final da reunião, tempo destinado a agradecer aos visitantes pela presença, convidá-los a comparecer também ao culto no templo e receber um curso bíblico domiciliar. É o momento de despedida e lembretes quanto à próxima reunião e atividades da igreja em geral.

Historicamente os pequenos grupos usam essa fase final para fazer algum lanche juntos. De fato, o Novo Testamento descreve os primeiros cristãos fazendo refeições com alegria e singeleza de coração. Eles partiam o pão de casa em casa e o que parece é que aquela era uma experiência diária (At.2:42-46). A comida constitui-se num elemento agregador que une as pessoas e quebra barreiras. Fa-

CAPÍTULO 7 - ROTEIRO BÁSICO DA REUNIÃO DO PEQUENO GRUPO

zer refeições juntos é algo familiar e que revela companheirismo e unidade. No entanto, a Bíblia também afirma que o Reino Deus não é comida nem bebida (Rm.14:17).

Por isso entendemos que o PG e sua liderança ficam livres para utilizar algum lanche ou não nesse período final. Porém alguns princípios devem ser destacados, a saber:

- O líder deve, reiteradas vezes, avisar ao grupo que não é obrigatório haver lanche em toda reunião.

- O propósito do lanche não se resume em si mesmo, ou seja, não tem por objetivo encher a barriga dos presentes, saciar a fome. Falando sobre os excessos que havia em reuniões na Igreja de Corinto, Paulo orientou que se alguém tivesse fome que comesse em casa (I Co.11:34). O propósito do lanche é favorecer a comunhão, aproximar os presentes. Nesse momento os membros do PG devem dar prioridade aos visitantes, aproveitando a oportunidade para se aproximar deles e criar amizade.

- O custo do lanche deve ser compartilhado por todos que fazem parte do grupo, não deve ser da responsabilidade única e exclusiva do anfitrião para não sobrecarregá-lo.

- O lanche deve ser simples, sem extravagâncias para não ser oneroso para o grupo.

- O lanche, quando houver, deve ser servido ao final da reunião.

CAPÍTULO 8 - ATITUDES DOS BONS LÍDERES DE PEQUENO GRUPO

BONS LÍDERES ORAM DIARIAMENTE POR SEU GRUPO

Todo líder bem sucedido é uma pessoa de oração. Precisamos orar porque dependemos de Deus e a oração nos coloca em contato com o Eterno e libera o seu poder para nós. Além de orar devocional e diariamente para manter-se cheio do Espírito e também por suas necessidades pessoais, o líder eficaz tem uma disciplina de interceder pelo seu grupo e por aqueles que o visitam. Ele ora pelo crescimento e pela comunhão do seu PG. Ele ora pelas necessidades específicas de cada um.

BONS LÍDERES INVESTEM EM RELACIONAMENTOS

O valor que damos aos relacionamentos revela muito ao nosso respeito. Um pequeno grupo é essencialmente uma ação e um lugar que visa desenvolver relacionamentos interpessoais. Um bom líder é aquele que entendeu isso e, portanto, com amor não fingido, investe em pessoas e busca desenvolver relacionamentos saudáveis e frutíferos. Um líder que agrada a Deus usa coisas e valoriza pessoas, nunca o contrário.

BONS LÍDERES INFLUENCIAM, NÃO DÃO ORDENS

A diferença básica entre um chefe e um líder é que enquanto o chefe usa o seu poder para dar ordens e ser obedecido, um líder usa sua influência pessoal e seu exemplo próprio para motivar seus liderados a cumprir a missão

BONS LÍDERES PRESTAM CONTAS

Todo líder não tem apenas pessoas sob a sua responsabilidade e influência, mas tem também líderes a quem prestar contas. O líder eficaz de pequeno grupo é aquele que é organizado, mantém atualizado seus relatórios e os apresenta quanto solicitado.

BONS LÍDERES NÃO DESISTEM DE NINGUÉM

Em oração, Jesus disse que havia guardado todos aqueles que o Pai o havia dado e que ninguém se perdeu, senão o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura (Jo.17:12). O papel do líder, como um pastor de pequeno rebanho é guardar e zelar pelas ovelhas que lhe foram confiadas. O bom líder é aquele que não desiste facilmente de ninguém, mas persevera indo ao limite das suas possibilidades.

BONS LÍDERES TEM BOAS ESTRATÉGIAS

As atividades do pequeno grupo não podem se limitar à reunião semanal. Um líder exponencial é aquele que busca sempre novas estratégias para atrair visitantes descrentes e também para desenvolver a comunhão. Seja ousado e programe eventos de conquista ou facilitadores que visam atrair visitantes e também programas que visem fortalecer a comunhão do grupo.

BONS LÍDERES PERSEVERAM DIANTE DAS DIFICULDADES

Jesus não nos prometeu uma vida de facilidades na Terra, ao contrário, nos preveniu a respeito das aflições que viriam (Jo.16:33). Quando se trata da obra de Deus, esse aviso de Jesus deve ser considerado com redobrado temor. Os líderes de sucesso estão preparados para enfrentar as dificuldades que certamente virão. Não é fácil liderar pessoas, nem tampouco desenvolver relacionamentos saudáveis. Prepare-se para enfrentar ventos contrários e oposição espiritual, porém lembre-se que Jesus venceu o mundo e nos garante vitória também.

BONS LÍDERES ESTÃO ENVOLVIDOS NOS PROPÓSITOS E NA VISÃO DA IGREJA.

Constitui-se num requisito indispensável para a vida de um líder, estar envolvido profundamente com os propósitos e declaração de visão da sua igreja. O bom líder é aquele que fala a linguagem do seu pastor e vestiu a camisa da visão da sua igreja.

BONS LÍDERES SÃO LÍDERES-SERVOS

No Reino de Deus, a lógica é inversa aos padrões da natureza caída, puramente humana. Na visão divina o maior é aquele que serve (Lc.22:26-27). Uma qualidade indispensável, portanto, na vida de um líder é a humildade que se revela na disposição de servir ao próximo, numa atitude voluntária e amorosa. O líder eficaz é aquele que é reconhecido como um verdadeiro servo, seguindo o exemplo de Jesus que sendo Senhor veio para servir (Mt.20:28).

BONS LÍDERES SÃO DISCIPULADORES

A suprema missão da igreja não é construir templos nem adquirir riquezas, mas fazer discípulos de todas as nações (Mt.28:19-20). Jesus não nos chamou para fazer visitantes, nem membros, nem amigos do Evangelho, mas discípulos. Todo líder que quer ver seu pequeno grupo crescer precisa ser um discipulador incansável, evangelizando e acompanhando pessoas até o ponto de atingirem a maturidade.

BONS LÍDERES ESTABELECEM ALVOS CLAROS E ALCANÇÁVEIS.

Alguém já disse que se você estiver mirando em nada, certamente acertará

CAPÍTULO 8 - ATITUDES DOS BONS LÍDERES DE PEQUENO GRUPO

em cheio. É fato notório que o líder que estabelece alvos e os persegue alcançará crescimento em alguma medida. Todo pequeno grupo precisa ter consciência de onde deseja chegar. Um grupo que apenas se reúne sem propósitos definidos acaba por perder a sua identidade e valor.

BONS LÍDERES FORMAM OUTROS LÍDERES

O pequeno grupo não tem como alvo apenas ganhar outras pessoas e integrá-las à vida da Igreja, mas também formar outros líderes que sejam capazes de assumir outros grupos com o mesmo propósito. Um das grandes dificuldades do ministério com pequenos grupos é a falta de líderes. Nesse sentido, um líder de visão é aquele que investe na vida de irmãos dentro do seu grupo, a fim de que eles cresçam a ponto de se tornarem líderes de grupo também. O líder contribui para formação de outros líderes quando dá oportunidade para outro liderar uma parte ou toda a reunião, quando delega tarefas para ser executadas e quando reconhece o dom e o talento daqueles que estão ao seu redor, convidando-os a participar dos treinamentos.

BONS LÍDERES TEM PRAZER EM TRABALHAR EM EQUIPE

Uma das coisas que traz cansaço e fadiga ao líder é o fato dele trabalhar sozinho, assumir solitariamente todas as responsabilidades de um grupo. Uma das marcas de todo pequeno grupo deve ser a cooperação de todos na execução das atividades e tarefas. O bom líder é aquele que envolve a todos na direção da reunião e realização de todas as ações. Cada membro do PG precisa se enxergar como um integrante da equipe e muito mais, como alguém muito importante para que o trabalho seja realizado e os objetivos sejam alcançados. O líder excelente não centraliza o trabalho, tem prazer em ter a cooperação de todos.

BONS LÍDERES SÃO SUBMISSOS

A submissão às autoridades é uma prova de amor e reconhecimento da soberania de Deus, pois todas as autoridades que há foram ordenadas por Ele (Rm.13:1-2). Bons líderes compreendem isso e em amor e respeito se submetem à autoridade do seu supervisor ou pastor.

BONS LÍDERES SERVEM COMO EXEMPLO

Num mundo em crise como vivemos, carentes de referenciais, o líder precisa ter uma vida digna de ser imitada. Paulo disse: sede meus imitadores como eu sou de Cristo (I Co.11:1). O bom líder é aquele que, seguindo as pisadas de

Jesus, pode convidar outros a seguir seus passos. A forma mais eficaz de ensinar e aprender é pelo exemplo e nisso Jesus foi Mestre: “Porque eu vos dei o exemplo, para que como eu vos fiz, façais vos também” (Jo.13:15).

BONS LÍDERES SÃO ENTUSIASMADOS

Um líder eficaz motiva outros, acendendo uma chama no coração alheio a partir do fogo que está queimando no seu. Todo líder precisa ter ânimo, disposição e entusiasmo para poder influenciar a todos. Um líder sem entusiasmo faz esfriar o grupo mais animado, mas o líder motivado quebra barreiras e move os acomodados.

BONS LÍDERES BUSCAM DESENVOLVER A COMUNHÃO E O CRESCIMENTO DO SEU GRUPO

Um grupo maduro é aquele onde os propósitos da comunhão e do crescimento desenvolvem-se juntos. Constitui-se num sinal de alerta o grupo crescer na comunhão, aprofundar amizades, mas não ganhar outras pessoas. De igual forma um grupo não pode ganhar pessoas e não estreitar os laços, integrar pessoas, focar a comunhão. São dois alvos que precisam andar juntos e um bom líder é aquele que está visando essas duas direções, vigiando para alcançar sempre os dois propósitos.

BONS LÍDERES VALORIZAM O TREINAMENTO

Segundo o Pr. Carlito Paes, no seu livro Igrejas que Prevalecem, uma igreja relevante é aquela que realiza treinamento, treinamento, treinamento, o que concordamos plenamente. A formação de líderes acontece por meio do discipulado pessoal e através de treinamentos específicos. Paulo disse que Jesus deu líderes à igreja querendo o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do ministério, ou seja, para treinar as pessoas para que cumpram a sua função dentro do corpo (Ef.4:11-12). Um líder que brilha é aquele que valoriza o treinamento que lhe é oferecido e está sempre aberto ao aprendizado.

BONS LÍDERES SÃO HONESTOS, CONFIÁVEIS E SABEM GUARDAR SEGREDO

Uma das finalidades do pequeno grupo é permitir que as pessoas compartilhem o que Deus tem lhe falado por meio da Palavra, abram seus corações e revelem suas lutas e dores, problemas e pecados, conquistas e vitórias. O PG é um ambiente de confiança e transparência e por isso, o líder eficaz tem domínio sobre a sua língua, é moderado no falar, sabe guardar segredo e preserva a sua credibilidade diante das pessoas. O que é compartilhado no grupo precisa ficar no contexto do próprio grupo não interessando às pessoas de fora. Qualquer comunicação externa, excetuando o pastor da Igreja, precisa ser autorizada pelos membros do

CAPÍTULO 8 - ATITUDES DOS BONS LÍDERES DE PEQUENO GRUPO

grupo.

BONS LÍDERES SE VEEM COMO EXTENSÃO DO BRAÇO DO PASTOR

Bons líderes auxiliam o pastor na sua tarefa de cuidar das ovelhas porque compreendem que apascentar o rebanho do Senhor é uma prova de amor a Jesus e ao próximo (Jo. 21:15-17). Na verdade, no Corpo de Cristo, o cuidado precisa ser mútuo entre os membros (I Co.12:25) e o líder de pequeno grupo é alguém que está investido dessa responsabilidade.

BONS LÍDERES SEGUEM O EXEMPLO DE JESUS

Liderar como Jesus é o desafio de todo aquele que foi chamado a essa posição no Reino de Deus. O modelo de liderança mais perfeito, completo e eficaz não é encontrado em nenhum dos grandes referenciais humanos de liderança do Brasil e do mundo, ensinados largamente em palestras e cursos. Jesus Cristo foi o maior líder a pisar nesse solo e todo líder sábio segue seu exemplo na condução do seu grupo. Jesus teve um grupo de 12 diferentes homens com os quais viveu durante três anos. Suas atitudes, palavras, sentimentos e formas de tratamento com cada um deles, devem ser nosso padrão de ação.

BONS LÍDERES SÃO ZELOSOS

O zelo precisa ser uma marca forte do caráter do líder, pois ele se revela a partir da forma como lidamos com as coisas em casa, no trabalho, na igreja, em qualquer lugar. Um bom líder é organizado zelando com cuidado daquilo que é seu ou lhe foi confiado.

BONS LÍDERES SABEM OUVIR COM ATENÇÃO

“Sabei isto, meus amados irmãos; mas todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg.1:19). Saber ouvir é uma virtude indispensável ao líder de pequeno grupo que lida com pessoas e muitas vezes precisa ajudá-las em seus problemas. Falar menos e ouvir mais é a receita bíblica para o êxito.

BONS LÍDERES PREZAM A PONTUALIDADE

Invariavelmente, o líder é aquele que primeiro chega e o último que sai. É algo inerente ao seu serviço ao Senhor e não há como fugir disso. Por isso o líder de PG precisa primar pela pontualidade na condução do seu grupo. Quando o atraso vira rotina, torna-se um problema de caráter e pecado e a pessoa fica com

aquele rótulo, aquela marca, infelizmente. A pontualidade precisa ser seguida não apenas no início das reuniões e atividades, mas também em relação ao seu término. Pelo fato da reunião acontecer numa residência é preciso ter rigor quanto ao horário para não atrapalhar as atividades da família.

BONS LÍDERES SÃO EDUCADOS, POLIDOS E GENTIS

A boa educação, polidez, etiqueta e simpatia são virtudes que abrem portas, desarmam corações e quebram barreiras. Na convivência com os irmãos no pequeno grupo e fora dele, os bons líderes usam palavras gentis e agradáveis para com todos. Suas atitudes são moderadas mostrando simpatia e as palavras obrigado, por favor, com licença, boa tarde, bom dia, paz do Senhor, dentre outras, fazem parte do seu vocabulário em qualquer tempo.

BONS LÍDERES CUIDAM DA SUA FAMÍLIA COM PRIORIDADE

A ordem bíblica para aquele que deseja cuidar da Igreja é cuidar primeiro da sua casa para não incorrer em incoerência (I Tm.3:4-5). Quem não cuida dos seus torna-se pior do que o incrédulo, o infiel (I Tm.5:8), por isso o líder que brilha é aquele que antes de qualquer coisa zela por sua família, dedica-lhe tempo, oração e recursos, ministrando-lhe amor e atendendo às suas necessidades.

BONS LÍDERES VALORIZAM O ESTUDO E A LEITURA, PRINCIPALMENTE DA BÍBLIA

Persiste em ler... (I Tm.4:13) foi a orientação de Paulo ao jovem pastor Timóteo. Todo líder que deseja crescimento precisa investir em literatura evangélica de qualidade e, sobretudo dedicar tempo na leitura das Sagradas Escrituras. Os livros que lemos determinam a nossa visão, as nossas ações, nosso vocabulário, o conteúdo que ministramos e a vida cristã que desenvolvemos.

BONS LÍDERES TEM O AMOR COMO MAIOR MOTIVAÇÃO.

O apóstolo Paulo afirmou que nada que ele fizesse, falasse ou sentisse teria valor se não fosse por amor (I Co.13). Nenhuma outra motivação é suficiente ou eficaz quando se trata da obra de Deus. Os mandamentos de Deus se resumem nesses dois: ame a Deus e ame ao próximo (Mt.22:37-40). Deus é amor (I Jo.4:8), o cumprimento da Lei é o amor e somos identificados como cristãos ao demonstrarmos amor uns aos outros (Jo.13:35). Pela ação do Espírito Santo que derrama amor em nossos corações (Rm.5:5), precisamos realizar o serviço no Reino motivados por esse nobre sentimento que se revela em nossas atitudes.

CAPÍTULO 9 - PORQUE VOCÊ DEVE FAZER PARTE DE UM PEQUENO GRUPO?

A razão principal que justifica o fato da igreja estar estruturada em pequenos grupos é a de que eles trazem ricos benefícios à vida física, emocional e espiritual dos seus membros.

Aqueles que participam com amor e alegria, compreendendo o propósito da existência do seu grupo começam a experimentar outro nível de vida cristã, valorizando mais os relacionamentos, recebendo e oferecendo apoio e cuidado e sendo fortalecidos pelo poder da Palavra em meio à comunhão, além de poder levar o Evangelho a outros.

O objetivo da igreja ao oferecer essa oportunidade de integração e crescimento é a participação efetiva de todos os membros.

Existem igrejas que colocam involuntariamente todos os seus membros em grupos, envolvendo a todos, de uma só vez. Outras igrejas estabelecem a voluntariedade como estratégia e conscientizam seus membros e os convidam a participar. Cada dinâmica tem suas vantagens e desvantagens, porém a palavra chave em ambas é **PARTICIPAÇÃO**.

Sem envolvimento e participação das pessoas não há como existir pequenos grupos fortes e saudáveis. Mas, porque será que alguns resistem a participar?

Alguns possíveis motivos:

- Porque não entenderam o fundamento bíblico da igreja nos lares;
- Porque não foram ainda conscientizados biblicamente sobre a importância de participar por meio do ensino, da pregação e dos testemunhos.
- Porque resistem aos propósitos da igreja e à autoridade e orientação pastoral;
- Porque não valorizam amizades e relacionamentos na Igreja, vivendo egoisticamente de forma isolada;
- Porque fogem de ambientes onde a transparência e a proximidade podem confrontar seu estilo de vida questionável;
- Porque não compreenderam que, enquanto cristãos, existem para abençoar e apoiar o próximo em amor ou;
- Porque não entenderam os benefícios que traz a convivência em pequenos grupos de oração, comunhão e evangelização.

Convido você a analisar alguns motivos porque devemos fazer parte de um PG:

PORQUE A VIDA CRISTÃ É UMA EXPERIÊNCIA SOLIDÁRIA E NÃO SOLITÁRIA

Sozinho ninguém é a igreja, somos igreja quando estamos juntos, reunidos em nome de Jesus (Mt.18:20). A vida cristã, portanto, precisa ser vivida em

comunidade. Deus formou uma família espiritual e a chamou de igreja. Fazer parte de um pequeno grupo significa estreitar ainda mais esses laços familiares. Viver isoladamente e solitariamente é estar na contramão dos propósitos de Deus, porque nós precisamos uns dos outros, dependemos uns dos outros. Pessoas precisam de pessoas. A caminhada cristã em direção ao alvo que é Cristo precisa ser realizada de forma solidária, uns ajudando os outros em amor e não de forma solitária.

PORQUE JUNTOS SOMOS MELHORES

As nossas potencialidades são aumentadas quando estamos juntos, quando convivemos. “Melhor é serem dois do que um... (Ec.4:9-12). Juntos podemos alcançar mais pessoas para Cristo, juntos crescemos mais, juntos servimos melhor, juntos adoramos melhor, com Jesus em nosso meio. Aproxime-se, faça parte, porque juntos somos melhores!

PORQUE NELE VOCÊ PODE CUIDAR E RECEBER CUIDADO INDIVIDUAL

Receber cuidado é uma necessidade que todos tem. Todos precisam de apoio, atenção e companheirismo e o ambiente do pequeno grupo tem a marca do amor e da solidariedade. Dar e receber cuidado são lados da mesma moeda, pois no Corpo de Cristo os membros precisam ter cuidado uns dos outros (I Co. 12:25).

PORQUE NELE VOCÊ PODE DESENVOLVER DONS E TALENTOS

No pequeno grupo o culto é participativo, todos podem se expressar, ensinar, há espaço para todos servirem e desenvolverem seus dons e habilidades concedidos por Deus para edificar a Igreja. “Que fareis, pois irmãos? Quando vos ajuntais, cada de um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (I Co.14:26)

PORQUE NELE VOCÊ PODE FAZER AMIZADES SIGNIFICATIVAS E PROFUNDAS

Você tem amigos na Igreja? Quantos amigos você tem? Amigos com os quais você conversa frequentemente, compartilha suas alegrias e tristezas, que conhece detalhes da sua vida e é uma fonte segura de apoio quando você precisa? Infelizmente, são poucos que podem contabilizar mais que duas ou três pessoas a quem chamariam de amigos e alguns não tem ninguém que se encaixaria nessas características. O pequeno grupo na Igreja visa suprir essa carência. Num ambiente com menos pessoas, onde há proximidade e todos olham nos olhos dos outros e compartilham sua vida fica mais fácil desenvolver relacionamentos significativos. Quem não desenvolve relacionamentos profundos na Igreja acaba

CAPÍTULO 9 - PORQUE VOCÊ DEVE FAZER PARTE DE UM PEQUENO GRUPO?

esfriando e desviando-se do Caminho.

PORQUE ATRAVÉS DELE VOCÊ PODE CUMPRIR A MISSÃO DE GANHAR ALMAS E CUIDAR BEM DELAS

A Igreja tem uma razão de ser, uma finalidade que justifica sua existência, um motivo para estar na Terra. A Igreja existe para fazer discípulos de todas as nações (Mt.28:19-20). A Igreja existe para dar frutos que permaneçam, pois para isso foi escolhida por Jesus (Jo.15:16). Através do pequeno grupo podemos levar o Evangelho aos lares e ao mesmo tempo oferecer cuidado necessário para que as pessoas continuem firmes em Jesus.

PORQUE ATRAVÉS DELE VOCÊ PODE TORNAR-SE UM LÍDER

O ideal é que cada cristão seja um líder e sua casa seja um local de reunião da Igreja, porque todos podem liderar um pequeno grupo. O propósito então é que cada membro de um grupo desenvolva seu caráter e suas habilidades e cresça ao ponto de assumir a liderança de um novo grupo. No contexto do templo nem todos podem ser líderes, mas no ministério dos pequenos grupos todos podem cooperar.

PORQUE ELE CONTRIBUI PARA A SUA MATURIDADE ESPIRITUAL

Aprender a se relacionar é um dos fatores que contribuem para a nossa maturidade espiritual. Ninguém pode dizer que é maduro se ainda não sabe conviver bem com as pessoas e administrar os conflitos que decorrem dessa convivência. O pequeno grupo também nos ajuda a desenvolver princípios importantes para a vida em comunidade contribuindo para o aperfeiçoamento do nosso caráter e crescimento em Cristo. Ensina-nos a amar, a respeitar as diferenças, o espaço do outro, a suportar os fracos e a perdoar quando houver queixa. “Suportando-vos uns aos outros e perdoados uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro: assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (Cl.3:13).

PORQUE ELE É A VISÃO BÍBLICA DE DEUS PARA A VIDA DA IGREJA

Devemos participar de um pequeno grupo por obediência aos mandamentos de Deus registrados nas Escrituras. Por entendermos que não se trata de uma estratégia de homens, mas de um projeto de Deus. Por entendermos que esse era o modelo de vida comunitária da Igreja primitiva e, sobretudo do ministério de Jesus. Por compreendermos os benefícios espirituais que a igreja e cada um de

seus membros desfrutam quando estão em concordância com aquilo que Deus quer, ou seja, com sua visão e seus propósitos.

CAPÍTULO 10 - COMO IMPLANTAR PEQUENOS GRUPOS (PARA PASTORES E LÍDERES)

Após conscientizar-se de que os pequenos grupos fazem parte da estratégia de Deus para alcançar os perdidos e edificar a igreja, muitos líderes e pastores deparam-se com a seguinte pergunta: como fazer? Esse livro tem esse objetivo: ser um manual básico para todos os líderes que desejam desenvolver e manter pequenos grupos fortes e saudáveis em sua igreja.

Porém, infelizmente, são muitos os casos de fracasso, desapontamento e desistência oriundos de uma ação precipitada. Líderes que querendo ver de forma imediata a sua comunidade envolvida nesses princípios, vivendo no dia a dia uma comunhão mais profunda e experimentando um crescimento gradativo, implantam os pequenos grupos sem levar em conta alguns princípios e valores fundamentais.

Também, ao observar o desenvolvimento de algumas igrejas com a estratégia dos pequenos grupos, somos tentados a começar do ponto em que estão, esquecendo que toda caminhada começa com um primeiro passo, às vezes pequeno, e grandes frutos são gerados a partir de pequenas sementes.

Antes de partir para a implantação efetivamente é preciso considerar alguns valores e práticas que são essenciais para se alcançar o sucesso esperado.

1. ORAÇÃO

É um engano pensar que qualquer estratégia ou metodologia, ainda que seja bíblica, trará resultados sem a intervenção de Deus. Inclusive esse tem sido um dos motivos de fracasso na utilização de certas práticas com vistas à comunhão e crescimento da Igreja.

O apóstolo Paulo fazendo referência ao seu trabalho e ao de Apolo na Igreja de Corinto afirmou: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento” (I Co.3:6). Escrevendo à Igreja de Colossos ele disse: “E não se mantendo unido à Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus (Cl.2:19).

Deus é o Senhor da seara (Mt.9:37-38), Jesus é o dono e edificador da Igreja (Mt.16:18), sendo Ele também o seu fundamento (I Co.3:11). Todo crescimento e operação dinâmica na Igreja vem de Deus, por isso Jesus nos mandou rogar ao Senhor da seara, por mais obreiros. Por isso Paulo compreendia que ainda que o seu trabalho e o de Apolo tivessem o seu valor, quem deu o crescimento foi Deus, pois o crescimento procede de Deus.

Antes de tudo é preciso que se façam súplicas, orações, interseções e ações de graças... (I Tm.2:1). Oferecemos aqui um passo a passo a ser seguido, mas cada lugar tem suas especificidades, cultura e história próprias, fazendo-se necessária uma adaptação dos princípios aqui ensinados. Ore para que Deus lhe conceda

estratégias específicas. Ore para que as barreiras espirituais sejam vencidas. Ore para que primeiro a liderança e depois toda a igreja absorva a visão e os valores que lhe serão transmitidos. Ore para que Deus lhe conceda coragem e determinação para perseverar mesmo diante dos obstáculos e oposição que, infelizmente, hão de surgir.

2. PLANEJAMENTO

Certa vez Jesus disse: “Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar.”(Lc.14:28-30). Alguém também disse que “falhar em se preparar é se preparar para falhar.”

Portanto, antes de começar, planeje. Planeje cada etapa desse processo de implantação. Fuja das mudanças radicais por impulso, visualize situações que serão enfrentadas, faça previsão das soluções que serão necessárias.

3. PROPÓSITOS

É interessante pensarmos sobre o porquê fazemos as coisas, o que nos move, as motivações que estão por trás das nossas ações. Motivação = Motivo + Ação. Outra palavra importante é visão. A visão é a definição daquilo que se pretende alcançar. Acontece, por exemplo, quando uma pessoa visualiza sua casa pronta e assim a projeta. Antes mesmo de começar a construção a pessoa já tem em sua mente e coração a visão da sua casa pronta. Assim sendo, a definição clara da visão e dos propósitos para a implantação dos pequenos grupos constitui-se uma etapa importante desse processo.

Algumas perguntas são importantes para a definição da visão e dos propósitos: Quais são os objetivos, onde se pretende chegar e em quanto tempo, quais são aos os alvos, qualitativos e quantitativos?

4. ENSINO

George Barna afirma que uma visão bíblica para a Igreja não deve ser um segredo guardado, e sim, uma perspectiva a ser transmitida com entusiasmo e fervor, pois ela só dará frutos quando for compartilhada e assimilada por toda a congregação. O pastor que tem a visão e o desejo de implantar pequenos grupos em sua igreja precisa investir maciçamente em ensino e conscientização do seu rebanho.

Qualquer visão ou estratégia de trabalho só vingará e trará resultados quando desce escada abaixo, desde o alto da liderança da igreja até os membros. Uma das responsabilidades do líder espiritual é captar a visão de Deus e transmiti-la ao seu povo, com tal entusiasmo e de tal forma que contagie a todos para a

CAPÍTULO 10 - COMO IMPLANTAR PEQUENOS GRUPOS (PARA PASTORES E LÍDERES)

prática.

Antes da efetiva implantação dos pequenos grupos é sábio e prudente que a liderança invista na conscientização dos líderes principais e da igreja em geral através dos sermões pregados nos cultos, através da escola bíblica dominical, nos encontros de liderança, seminários, congressos ou outros eventos especialmente realizados para comunicar a visão.

A comunicação visual por meio de faixas, banner, folhetos, comunicados, imagens e vídeos, redes sociais e blogs, declaração de visão, etc. são instrumentos importantes para levar até as pessoas o conhecimento básico e prévio para se alcançar os objetivos propostos. O ensino é realizado também através da música. Enquanto cantamos estamos comunicando verdades e transmitindo valores. Utilize em sua igreja canções que estão de acordo com a visão e estratégia que está sendo implantada.

5. PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA

Precisamos de paciência e perseverança para colher os frutos uma vez que plantamos as sementes. O apóstolo Tiago disse: "... eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia" (Tg.5:7). Numa lavoura ou seara quatro etapas se sucedem até completar o ciclo: cultivo, cuidado, crescimento e colheita, como ensina o Pr. Carlito Paes no seu livro *Vivendo as Estações de Deus*.

Ser paciente e perseverante, portanto, são outros dois fatores indispensáveis na implantação de grupos familiares. O crescimento da igreja não é um evento, é um processo composto por várias etapas que não são lineares nem uniformes.

Os resultados não costumam aparecer de repente, mas são frutos de persistência e trabalho duro. Entre o cultivo e a colheita é preciso entender que ministrar cuidado e esperar crescer são etapas das quais não há como fugir. Igrejas que prevalecem não são aquelas que mudam constantemente de estratégias e metodologias, mas aquelas que perseveram na visão celestial conforme dada por Deus. O apóstolo Paulo asseverou: "não fui desobediente à visão celestial" (At.26:19).

No ministério com pequenos grupos essas questões precisam ser consideradas sob o risco de abandonar a semente antes que ela germine, floresça, cresça e dê frutos.

6. FORMAÇÃO DE LÍDERES

Igrejas e pastores que desejam implantar e manter grupos pequenos de-

vem levar em conta a necessidade de formar líderes que vistam a camisa dessa visão e abracem esse trabalho com entusiasmo.

Um dos grandes problemas que às vezes acompanham o ministério de pequenos grupos e impedem seu crescimento é a carência de líderes. Sem líderes treinados e dispostos fica quase impossível haver pequenos grupos fortes e que se multiplicam. Por isso antes (e também depois) de estabelecer os grupos na igreja é preciso que haja investimento numa Escola de Treinamento ou Escola de Líderes que tenha uma periodicidade regular e onde sejam ministrados estudos específicos sobre pontos e detalhes importantes sobre as bases, os propósitos e a dinâmica dos pequenos grupos.

Os pequenos grupos representam um retorno da Igreja às suas raízes. Sem desprezar o templo e todas as importantes atividades que nele são desenvolvidas e celebrações que são realizadas, a igreja nas casas resgata o espírito comunitário da Igreja.

Participar de um pequeno grupo é redescobrir o impacto de estudar a Palavra de Deus com outras pessoas num ambiente familiar. É ter a alegria de levar o Evangelho às pessoas onde elas estão. É adquirir a experiência de orar com perseverança pelos problemas e necessidades uns dos outros, conhecendo detalhes da vida dos irmãos que nos levam a interceder com mais sentimento, propriedade e fé. É vivenciar a adoração em espírito e em verdade, que não depende se estamos num belo templo ou sob o teto de uma humilde casa. É crescer juntos, conscientes de que juntos somos melhores.

A ideia aqui não foi passar uma receita de sucesso ou uma teoria miraculosa do crescimento rápido e sem esforço. Mas cremos que quando aplicamos os princípios de Deus, Ele mesmo se encarrega dos resultados. A nossa expectativa e oração é que esse material contribua de alguma forma para despertar pastores, líderes e membros da Igreja para a urgente necessidade de termos pequenos grupos que contribuam para a comunhão e crescimento da Igreja.

AVIVAMENTO, Revista de estudos Bíblicos N° 15 da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. São Paulo/SP, 2005.

BARNA, George. Igrejas amigáveis e acolhedoras. São Paulo/SP: Abba Press, 1995.

BUCKLAND, Colin. O líder de carne e osso. São Paulo/SP: Edições Vida Nova, 2003.

CARVALHO, Argemildo. Visão panorâmica da igreja em células: com destaque para o Modelo de Discipulado Apostólico. Fortaleza/CE: Primus Editora, 2010.

CHO, PAUL Yonggi. Grupos familiares e crescimento da igreja. São Paulo/SP: Vida, 1997.

CRUZ, Valberto & RAMOS, Fabiana. Pequenos grupos para a igreja crescer integralmente. Viçosa/MG: Ultimato, 2007.

DEVER, Mark. Nove marcas de uma igreja saudável. São José dos Campos/SP: Editora Fiel, 2009.

DONAHUE, Bill & RUSS, Robinson. Os sete pecados capitais no mistério de grupos pequenos. São Paulo/SP: Vida, 2004.

_____. Edificando uma igreja de grupos pequenos. São Paulo/SP: Vida, 2003.

HUBER, Abe. & GOMES, Ivanildo. Treinamento de líderes de célula: ferramentas e instruções para a formação integral de líderes de células bem sucedidos. Fortaleza/CE: Primus Editora, 2010.

KORNFELD, David. O líder que brilha: sete relacionamentos que levam à excelência. São Paulo/SP: Vida, 2007.

LARANJEIRA, Patrícia Como implantar, desenvolver e manter grupos pequenos fortes e saudáveis. Curitiba/PR: A.D.Santos, 2011.

MERKH, David J. 101 Ideias criativas para grupos pequenos. São Paulo/SP: Hagynos, 2003.

MOORE, Waylon B. Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da Igreja. 4.ed. Juerp, 1995.

PAES, Carlito. Igrejas que prevalecem. São Paulo/SP: Vida, 2003.

SIMSON, Wolfgang. Casas que transformam o mundo: igrejas nos lares. Curitiba/PR: Editora Esperança, 2014.

WARREN, Rick. Uma Igreja com Propósitos. 3 ed. São Paulo/SP: Vida, 1998.

_____ Uma Vida com Propósitos. São Paulo/SP: Vida, 2003.

_____ Liderança com propósitos. São Paulo/SP: Vida, 2008.



Programa Avivalista de Crescimento